

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO MÉDIO VALE DO RIO TOCANTINS: O RESGATE NO EIXO DA UHE LUIS EDUARDO MAGALHÃES

Erika M. Robrahn-González¹
Paulo De Blasis¹

RESUMO

O artigo apresenta o resultado dos trabalhos de campo desenvolvidos no resgate arqueológico da área do eixo da barragem Luis Eduardo Magalhães, localizada no médio vale do rio Tocantins/TO. A área se encontra na borda meridional da bacia Amazônica, em contato com o planalto do Brasil Central, e nunca havia sido objeto de pesquisas arqueológicas sistemáticas. Os trabalhos de prospecção levaram à identificação de 51 sítios, estando 8 na área a ser diretamente impactada pela construção do eixo e os demais 43 em porções adjacentes. O conjunto de informações obtidas permite não apenas fornecer um quadro bastante amplo da natureza e diversidade de evidências arqueológicas que a área possui, mas também levantar uma série de problemas de investigação, que passaram a nortear a continuidade das pesquisas, atualmente desenvolvidas para a área do lago.

ABSTRACT

This article presents the results from the archaeological rescue research performed at the Luis Eduardo Magalhães Dam, located on the middle Tocantins river, State of Tocantins, most specifically on the building area of the project. Extensive survey has produced 51 sites, 8 of them on the area directly impacted by the building up processes, and the others on adjacent areas. The data obtained allows for a first picture on the archaeological contexts of this region situated at the southern border of the Amazon basin, in connection with the central Brazilian plateau, which has never been investigated before. The research questions that arise from this first survey will guide further investigation on the area impacted by the future dam lake.

¹ Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Coordenadores do Programa de Resgate Arqueológico da UHE Luis E. Magalhães/TO. E-mail: deblasis@usp.br e egzalez@usp.br

No médio vale do rio Tocantins vem sendo implantada a Usina Hidrelétrica Luis E. Magalhães, cujo lago deverá se estender desde a cidade de Ipueiras, ao sul, até a cidade de Lajeado, ao norte, reunindo uma área aproximada de 743 km². Pesquisas arqueológicas vêm sendo realizadas no local desde 1998 e devem se estender até 2002, apoiadas em um contrato firmado entre a INVESTCO S/A, responsável pelo empreendimento, e o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

Durante o ano de 1998 foram desenvolvidas atividades de resgate na área de implantação do eixo da barragem e em seu entorno, com o objetivo de concluir as pesquisas antes do início das obras. O presente artigo traz o resultado destes trabalhos, que permitiram não apenas obter um quadro bastante amplo da natureza e diversidade de evidências arqueológicas que a área possui, mas também levantar uma série de problemas de investigação, que passaram a nortear a continuidade das pesquisas atualmente desenvolvidas para a área do lago.

O médio vale do Tocantins se encontra na porção norte-nordeste da macro-região conhecida como Planalto Central Brasileiro, ou Brasil Central. Arqueólogos que atuam neste território têm demonstrado interesse em estudar as rotas do povoamento mais antigo, que remonta à época pleistocênica. Na faixa de planaltos e serras orientais que vai do sul do Piauí até a região central de Minas Gerais alguns sítios forneceram datas de mais de 30.000 anos (Martin 1996). Já ao longo do Holoceno (ou seja, de cerca de 10.000 anos em diante) diferentes grupos de caçadores e coletores se desenvolveram na região e, provavelmente, seus des-

locamentos acompanharam a expansão dos ambientes de cerrado (Schmitz 1987). Dentro desta discussão a bacia do médio Tocantins e seus afluentes, repletas de escarpas alcantiladas com abrigos rochosos e alguma variedade de micro-ambientes (alguns dos quais provavelmente constituíam refúgios florestais no início do Holoceno), podem ter sido uma das vias de penetração das populações mais antigas a partir dos planaltos orientais.

Por outro lado, existem também estudos acerca da emergência das grandes ocupações cerâmicas planálticas e a troca de influências com áreas limítrofes, como a Amazônia, as planícies chaquenhãs, os planaltos orientais mais áridos ao sul do Piauí e do Maranhão e do interior da Bahia, bem como a região centro-norte de Minas Gerais (Schmitz *et alii* 1982, Wust 1983 e 1991, Schmitz 1991, Schmitz *et alii* 1996). A Amazônia constitui, aliás, uma das regiões que apresenta as datações mais antigas da América para sítios cerâmicos e, justamente, na região em que desemboca o Tocantins (Roosevelt *et alii* 1991, Simões 1971; Simões e Araújo Costa 1987).

Dentro desta discussão, o médio Tocantins aparece como porção intermediária entre os planaltos orientais mais áridos da Bahia e norte de Minas, o planalto central propriamente dito (sobretudo Goiás e Mato Grosso, que parecem ter constituído uma área nuclear de desenvolvimento de vários grupos ceramistas), a região xinguana e o médio Araguaia e, por fim, a Amazônia. De fato a calha do Tocantins, com suas planícies inundáveis e várzeas férteis, pode ter constituído um dos eixos de penetração para grupos ceramistas provenientes da Amazônia e do nordeste, em época mais recente.

Apesar de todo este potencial, a arqueologia da região do médio Tocantins é ainda muito pouco conhecida, tendo sido pobremente pesquisada até o momento. Pioneiros foram os trabalhos de Barbosa *et alii* (1982) na região de Monte do Carmo, na calha de um pequeno afluente do rio das Balsas (alta cabeceira do rio do Sono), encravado atrás da serra do Lajeado, um pouco a leste de Porto Nacional.

Contamos ainda com dezenas de sítios arqueológicos que foram identificados através da pesquisa de salvamento da UHE Serra da Mesa, no alto Tocantins, Estado de Goiás. Seus resultados começam a ser divulgados (Martins 1998), indicando o enorme potencial arqueológico daquela porção do vale.

Por fim, investigações arqueológicas na área planejada para a implantação da UHE Luis E. Magalhães vêm sendo realizadas desde 1996, quando se desenvolveram as atividades de pesquisa relacionadas à elaboração do diagnóstico de impacto do empreendimento. Como resultado foram identificados 17 sítios, sendo 11 cerâmicos, 5 líticos e 1 de arte rupestre (De Blasis 1996). Contava-se ainda com outros 7 sítios localizados na área de influência imediata da UHE, por conta do EIA/RIMA da cidade de Palmas (De Blasis 1989).

Todos estes dados ampliam significativamente o leque das discussões acerca da ocupação pré-colonial da região onde está sendo instalada a UHE Luis E. Magalhães. Seus resultados extrapolam, certamente, o interesse local, integrando problemas arqueológicos de maior amplitude e de escala extra-regional. Por outro lado, os sítios anteriormente identificados apontam questões complexas, como uma grande densidade

demográfica para a área e uma considerável diversidade cultural, exigindo uma abordagem sistemática e rigorosa.

1. O AMBIENTE FÍSICO NA ÁREA DO EIXO E SEU ENTORNO

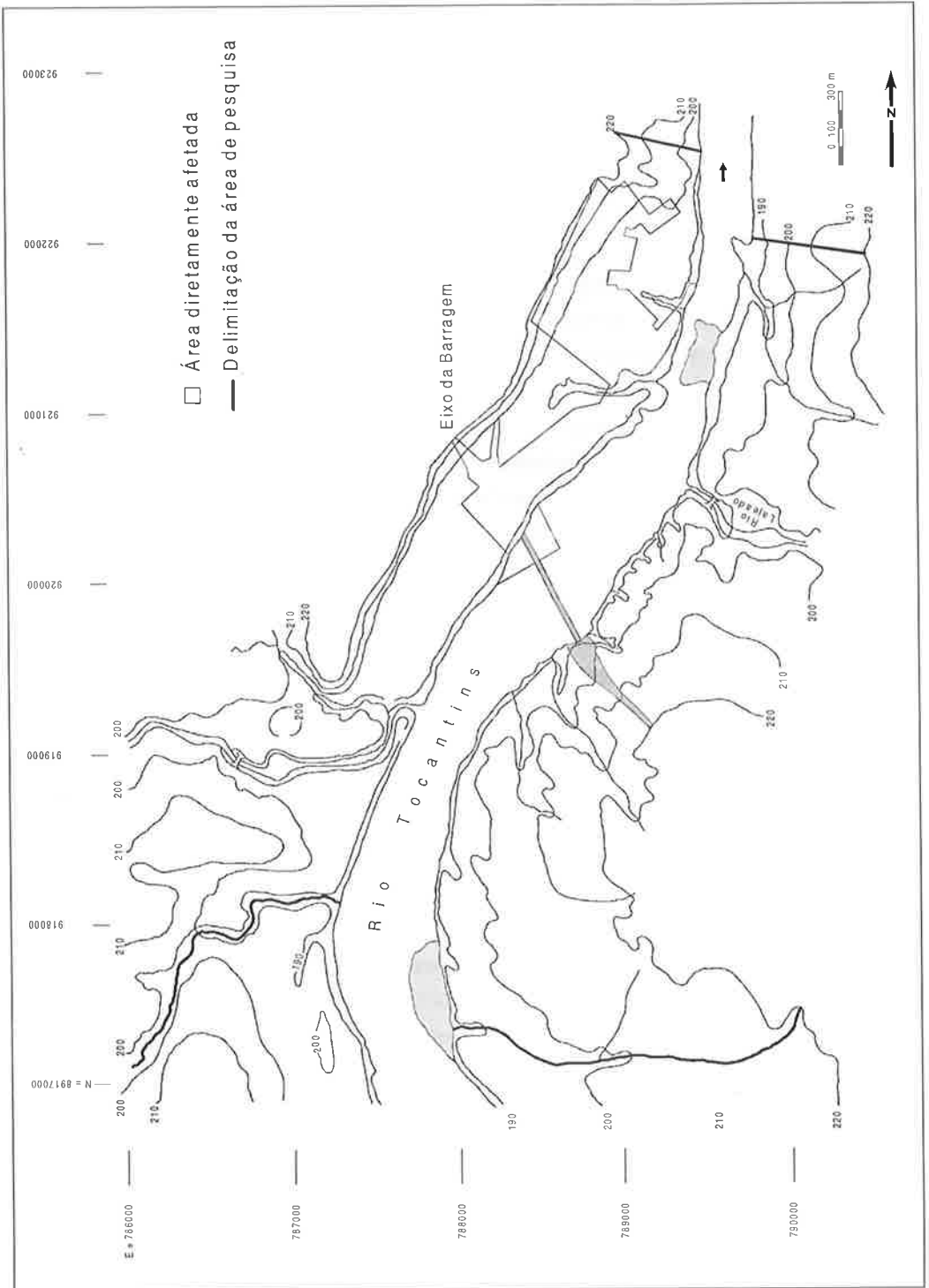
A área definida para implantação do eixo da barragem encontra-se em um trecho do médio rio Tocantins que abrange, na margem direita, o município de Lajeado e, na margem esquerda, o município de Miracema do Tocantins. Ali o rio é atravessado pela serra do Lajeado, que desde mais de 100 km para o sul vem acompanhando o Tocantins a uma certa distância. A aproximação da serra define um rio encaixado por entre um sistema de colinas baixas que antecedem as escarpas.

Tanto na margem direita como na margem esquerda o rio é ladeado por uma linha de barrancos que, em época de seca, podem alcançar mais de 10 metros de altura. Vencido o barranco, abrem-se terraços e patamares colinares de extensões variáveis. Os maiores se encontram na barra dos dois principais afluentes que o Tocantins aqui recebe: o ribeirão Lajeado, pela margem direita, e o ribeirão Lajeadozinho, pela margem esquerda (Mapa 1).

É justamente na barra destes dois rios que se localizam os maiores núcleos populacionais hoje existentes na área. O primeiro deles é a vila de Lajeado, implantada sobre as colinas da margem direita do Tocantins. A vila tem comunicação garantida com Palmas, capital do Estado, pela rodovia recém asfaltada. Além de dezenas de casas, possui um pequeno comércio e restaurante, que atende turistas ocasionais.

O segundo núcleo é formado pela vila de Lajeadozinho, na margem esquerda do Tocantins. Lajeadozinho não está tão próxima

Mapa 1 – Delimitação da Área de Pesquisa.



ao grande rio, recuando algumas centenas de metros para o interior e ocupando um amplo platô junto ao ribeirão de mesmo nome. Menor do que Lajeado, comunica-se mais facilmente com Miracema do Tocantins através de estrada de terra, bastante mau conservada.

Nesta área do eixo os solos são, de uma maneira geral, bastante arenosos e cascalhentos, derivados da decomposição das rochas areníticas da formação Pimenteiras, que dominam a região. A própria serra do Lajeado, que corre paralela ao Tocantins e a seus principais afluentes na margem direita, é formada principalmente por estes arenitos, tendo granitos e basaltos intercalados.

Já no leito do Tocantins afloram granitos e basaltos, com grande quantidade de blocos e matacões formando uma área encachoeirada. Estes “rápidos” dificultam a navegação, e a travessia do Tocantins fica restrita a alguns pontos específicos. Na época da seca, a navegação torna-se perigosa, mas é possível alcançar a pé algumas “ilhas”, formadas por rochas que afloram durante a vazão. Vários matacões exibem gravuras rupestres, como se vai ver mais adiante.

No que se refere à cobertura vegetal, a região é formada por uma mata que ocupa os terraços próximos ao Tocantins, hoje principalmente em sua margem esquerda. As serras apresentam uma vegetação menos vigorosa, embora ainda seja possível encontrar árvores com aproximadamente 20 metros de altura. De um modo geral, toda a vegetação é bem marcada pelo ciclo formado pela época de chuvas e época de seca. Durante as chuvas a paisagem é essencialmente verde, período em que as árvores novamente se cobrem de folhas e uma grande variedade de gramíneas recobre o

solo. Já na época de seca (entre os meses de maio e setembro), as gramíneas escasseiam até desaparecerem por completo e grande parte das árvores perde suas folhas, resultando em uma paisagem árida. Esta vegetação florestada se restringe às encostas e várzeas nas proximidades dos cursos d'água, formando matas-galeria. Os trechos mais altos e secos são ocupados pelo cerrado, que constitui a formação vegetal predominante na região.

2. ATIVIDADES DE PESQUISA

A porção de área onde foram, nesta etapa, desenvolvidas investigações arqueológicas é delimitada:

- na margem esquerda do Tocantins, pela barra do ribeirão Lajeado a montante e, a jusante, pelo término da área de implantação das obras de infra-estrutura (aproximadamente 1,1 Km abaixo do eixo) (vide Mapa 1);
- na margem direita do Tocantins, tanto o limite a montante como a jusante foram formados por pequenos córregos, distantes do eixo respectivamente 1,5 e 2,4 Km.

Com isto, a pesquisa arqueológica se realizou em um trecho de aproximadamente 4 km ao longo do Tocantins. Quanto aos limites terra-adentro, definiu-se:

- na margem esquerda, o sopé da serra que se ergue a uma distância de 600 a 800 metros do leito do rio;
- na margem direita, onde o início da serra está bem mais distante, fixou-se uma extensão semelhante, de 800 metros, até onde deveriam alcançar as investigações.

Nesta área foram desenvolvidos diferentes procedimentos de pesquisa, definidos a partir de uma série de fatores.

Em primeiro lugar, estava a localização das obras previstas pelo empreendimento que contemplam, além do eixo propriamente dito, um canal de fuga, alojamento de funcionários, escritórios, pátio de pré-moldados, área de empréstimo e de bota fora, bem como uma rede de estradas e caminhos de acesso. Localizam-se principalmente na margem esquerda do Tocantins. Estes locais foram considerados como “áreas diretamente afetadas” (ADA), devendo sofrer impactos definitivos com as obras. Receberam, portanto, prioridade de investigação, através de uma metodologia rigorosa de reconhecimento e salvamento dos sítios arqueológicos presentes.

O segundo fator dizia respeito às próprias possibilidades de pesquisa arqueológica oferecidas pela área. A margem esquerda do Tocantins apresenta condições bem mais restritas, considerando a pouca quantidade de estradas existentes (sempre de terra e em precárias condições de conservação), bem como a densa vegetação que recobre parte da área, dificultando o acesso e a visibilidade dos vestígios em superfície. Já a margem direita reúne condições um pouco mais adequadas, tem melhor malha viária, bem como extensas áreas abertas que facilitam as investigações.

Em terceiro lugar, deveria-se considerar o conhecimento arqueológico disponível para a área. Os sítios identificados apontavam uma diversidade de situações (sítios em terra firme, sítios no leito inundável do Tocantins e sítios em pontos íngremes de serra), cada qual exigindo atuações específicas, bem como uma logística bastante diversa de acesso. Por

outro lado, tornava-se necessário definir estratégias que também permitissem a identificação de evidências ainda desconhecidas, situadas em contextos locais distintos das referências anteriormente obtidas.

Finalmente, uma vez que o objetivo maior da pesquisa é compreender as diversas formas de ocupação indígena que se desenvolveram na região, tornava-se necessário ampliar a pesquisa para o que se definiu como “Área de Influência” do empreendimento (AI), ou seja, para a porção de terreno delimitada pelas cristas dos divisores de águas (formados pela serra do Lajeado), neste trecho do Tocantins. Embora certamente tenham sido desenvolvidas, aqui, pesquisas menos intensivas, os sítios identificados são fundamentais para elaborar um quadro arqueológico regional.

A partir do conjunto destes fatores foram estabelecidos diferentes procedimentos de pesquisa, descritos a seguir.

2.1 LEVANTAMENTO DE SÍTIOS

A estratégia de levantamento de sítios arqueológicos foi definida a partir de quatro procedimentos básicos: prospecções sistemáticas de varredura na ADA; prospecções extensivas nas porções adjacentes ao eixo; prospecções no leito do Tocantins; e prospecções extensivas na AI.

Prospecções Sistemáticas de Varredura (*Full-Coverage Survey*)

Como exposto anteriormente, um dos objetivos da pesquisa era obter uma estimativa bastante precisa da quantidade, variedade e distribuição dos sítios na área do eixo da barragem e seu entorno imediato, de modo a analisar suas evidências de conco-

mitância, articulação e integração. Não seria possível obter esta estimativa sem executar levantamentos sistemáticos, sobretudo tendo em vista o desconhecimento arqueológico da área. Mais ainda, estes levantamentos teriam de ser sub-superficiais (*shovel-testing*) pois as condições do terreno, na maioria das vezes coberto por vegetação, implicavam em péssima visibilidade para vestígios de superfície. Além do que, não poderíamos descartar a possibilidade de existirem sítios enterrados em maior profundidade, principalmente nas extensões de barranco do Tocantins, onde o processo de sedimentação é acelerado.

Os desenhos de amostragem mais comumente utilizados (por exemplo Mueller 1975, Plog 1976, Schiffer *et alii* 1978; para uma análise retrospectiva vide Wobst 1983) têm em geral o objetivo de reconhecer a distribuição dos sítios (quase sempre os maiores) em um dado universo de pesquisa. Não se mostravam indicados para o presente caso, onde o intuito era obter um reconhecimento geral e intensivo da área.

A opção foi, portanto, por um método de cobertura total (*full-coverage survey*), que permitisse identificar a totalidade dos sítios arqueológicos presentes na ADA. O exame da bibliografia disponível (ver Fish & Kowalewski 1990 para uma sistematização do tema) indica que raramente tais métodos foram aplicados em áreas florestadas. Habitualmente, vêm sendo executados por observação de superfície (*foot survey*) de grandes áreas de terrenos abertos, quase sempre áridos ou semi-áridos, o que implica em boa visibilidade de superfície. No Brasil, contamos com uma aplicação do método no vale do Ribeira de Iguape, Estado de São Paulo, com resultados bastante satisfatórios (De Blasis 1995,

1996). Na presente pesquisa, portanto, decidiu-se aliar levantamentos sistemáticos tanto de superfície como de sub-superfície (Lightfoot 1986, Nance & Ball 1986). Apesar de muito mais trabalhosos e demorados, deveriam trazer o resultado esperado, expectativa que foi plenamente confirmada.

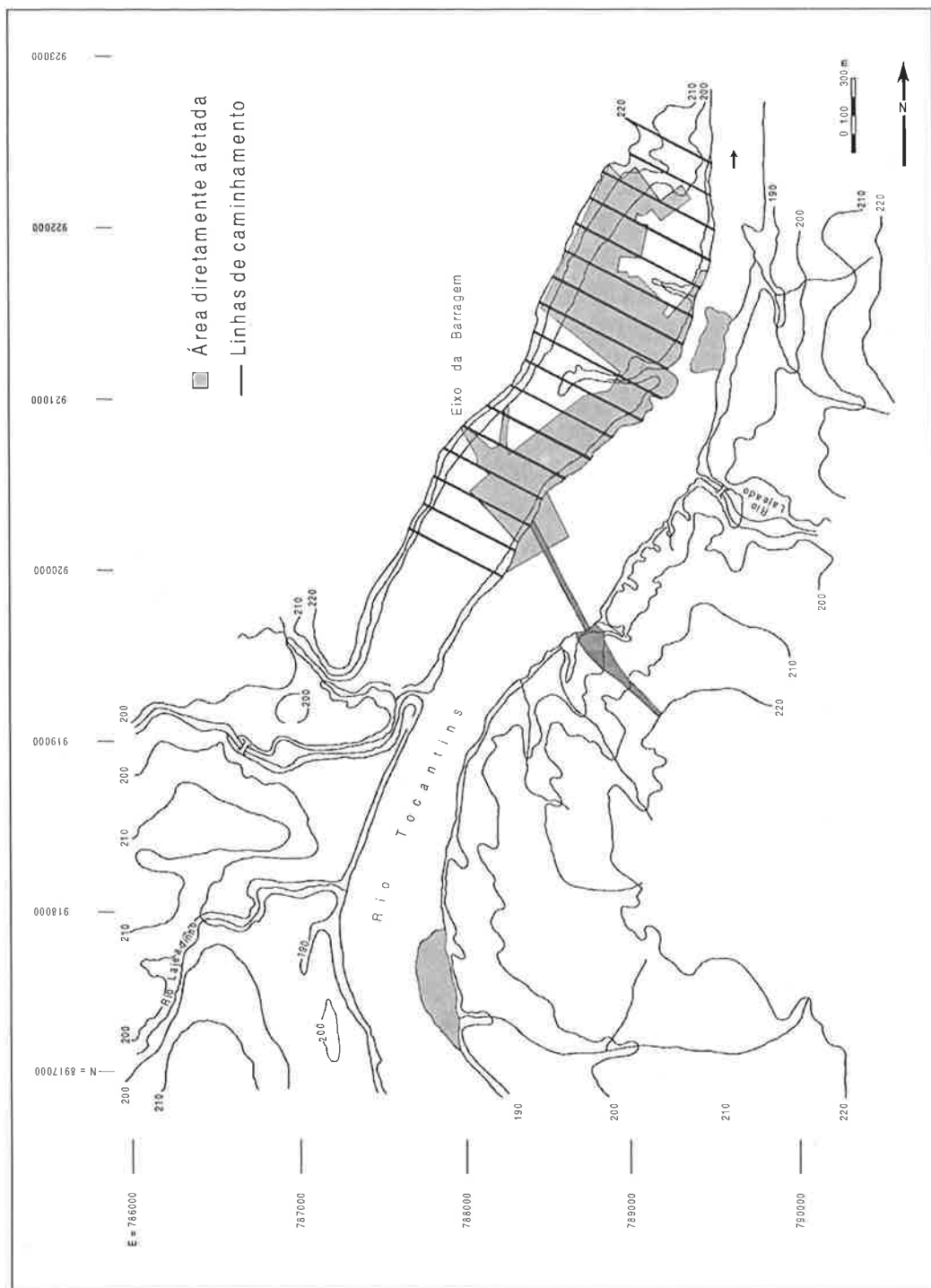
Este procedimento foi adotado na ADA. Os trabalhos consistiram em traçar linhas transversais ao rio, em ângulo de 50 graus, saindo da margem do Tocantins até o início da escarpa da serra. O intervalo entre as linhas foi de 50 metros e sua extensão variou de 600 a 800 metros, conforme a distância definida pelo início da serra (Mapa 2).

As intervenções em sub-superfície eram feitas a cada 50 metros de linha, através da abertura de uma sondagem de 1m². A profundidade das sondagens variou, de acordo com a espessura do solo. Em média, alcançou 1,5 m. Com o objetivo de checar a possibilidade de existirem sítios ainda mais profundos, as sondagens localizadas em porções de solo mais espesso alcançaram até 2,5 m.

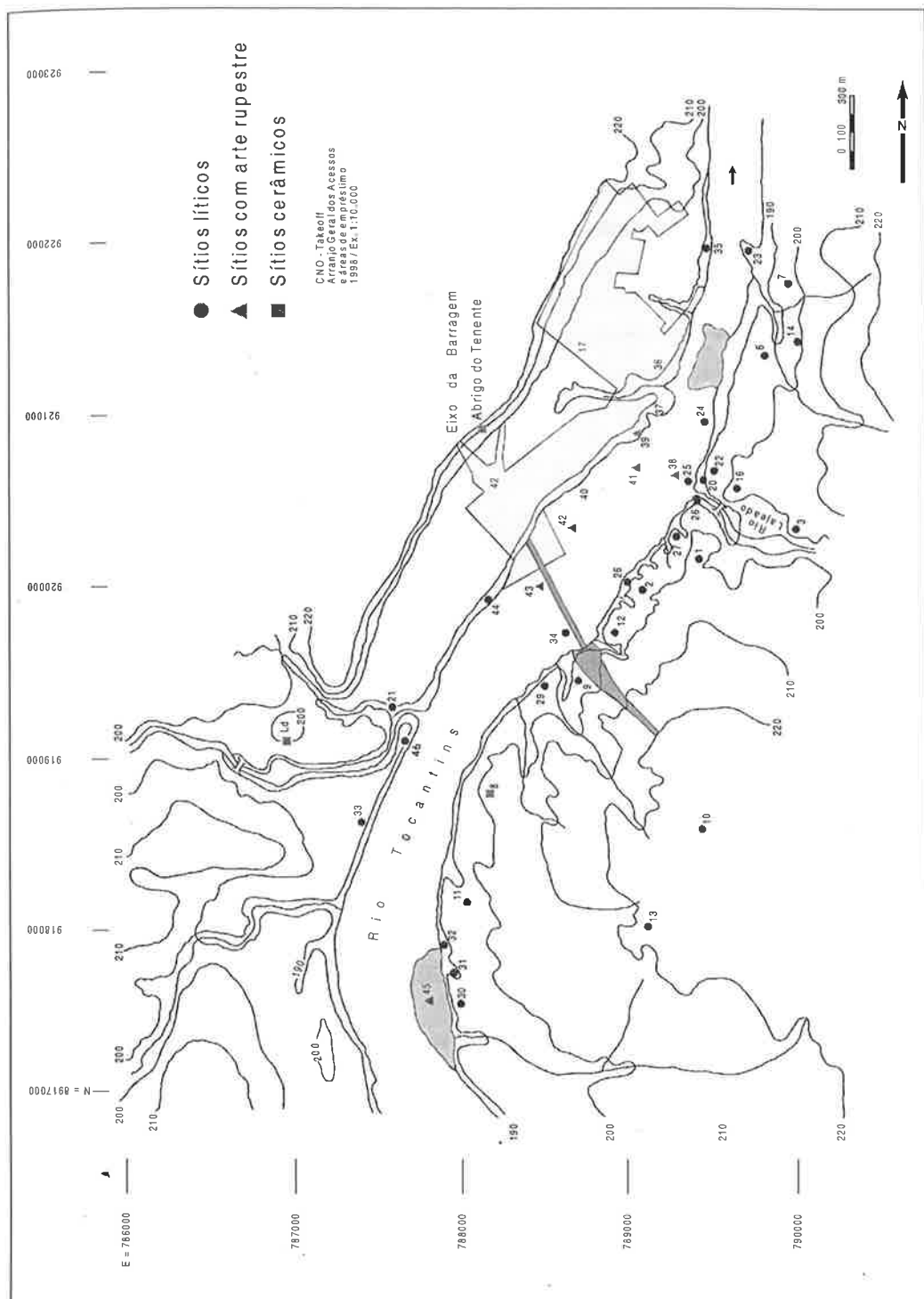
Foram assim, ao todo, abertas e percorridas 17 linhas, somando-se um total de 209 sondagens, fornecendo uma média de 18 sondagens por linha (Mapa 2). Ainda neste trecho da margem esquerda foram sistematicamente feitas observações acompanhando o barranco do Tocantins, que frequentemente apresenta mais de 10 metros de altura. O intuito era, igualmente, checar a possível presença de vestígios ainda mais enterrados.

Este conjunto de procedimentos resultou na identificação de 2 sítios (Lajeado 17 e Lajeado 18), ambos sítios líticos a céu aberto de pequenas dimensões (vide Mapa 3). Cabe observar que eles se encontram enterrados, e não teriam sido descobertos apenas através de observações de superfície.

Mapa 2 — Linhas de Caminhamento Realizadas na Prospecção da ADA.



Mapa 3 – Localização dos Sítios Arqueológicos na Área do Eixo.



Prospecções extensivas

Em todo o restante da área (a margem direita do Tocantins, bem como a porção a montante do eixo, na margem esquerda – Mapa 2) foram realizadas prospecções sistemáticas extensivas.

O procedimento consistiu em percorrer a área ao longo de toda a sua extensão, procurando cobrir pontos diferenciados da paisagem, da beira do Tocantins até os limites fixados no interior. Não se procurou, aqui, esgotar a área, mas sim investigá-la como um todo, nas suas variações topográficas e micro-ambientais, examinando a natureza, distribuição e contexto dos vestígios arqueológicos presentes.

Foram, assim, realizados caminhamentos em pontos diferenciados da paisagem (terraços, elevações, patamares de vertente, porções próximas à serra, etc), sendo efetuadas observações de superfície, complementadas por múltiplas observações estratigráficas em pontos que favoreciam leituras. Foram ainda abertas 19 sondagens pela área, que alcançaram entre 1,5 a 2,5 metros de profundidade.

Este procedimento levou à identificação de 15 sítios arqueológicos (Lajeado 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20 e 21; ver Mapa 3), sendo 14 sítios líticos a céu aberto e 1 sítio cerâmico (Lajeado 8). A grande maioria (13, ou 92,8%) se localiza na margem direita do Tocantins.

Prospecções no leito do rio Tocantins

No trecho de corredeira que o rio Tocantins apresenta logo abaixo do eixo conhecia-se um sítio (Lajeado 4) constituído por rochas areníticas contendo gravuras rupestres. Diferentes informações apontavam a existência de outras áreas com gravuras

nas proximidades, merecendo investigações mais detalhadas (De Blasis 1996). Estas foram desenvolvidas através de caminhamentos sistemáticos ao longo dos 4 km de ambas as margens do Tocantins. Com o auxílio de barcos foi possível investigar também as rochas que afloravam dentro do leito do Tocantins.

Estes trabalhos de varredura resultaram na identificação de 5 sítios contendo gravuras rupestres (Lajeado 38, 39, 41, 42 e 43 – vide Mapa 3), sendo que Lajeado 39 e 43 apresentavam também vestígios líticos lascados depositados entre as rochas, no solo de areia.

As prospecções permitiram identificar ainda outros 20 sítios, também localizados nas margens e nas ilhas do Tocantins, contendo exclusivamente material lítico lascado (Lajeado 22 a 37, 40, 44, 45 e 46).

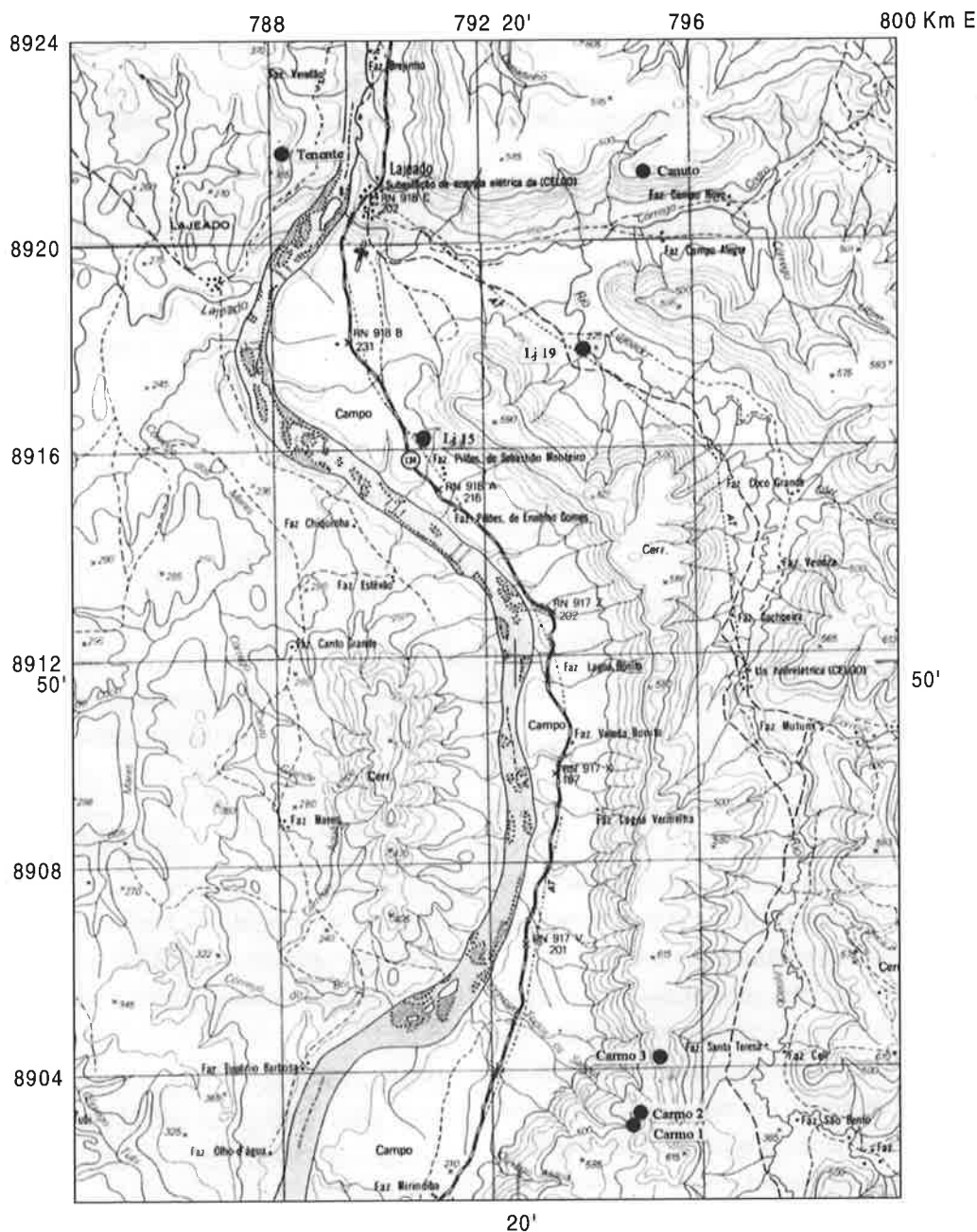
As prospecções no leito do Tocantins resultaram, portanto, em um total de 24 novos sítios.

Prospecções na Área de Influência

Nesta etapa dos trabalhos de campo, o objetivo das prospecções na AI foi realizar um primeiro reconhecimento de evidências arqueológicas ausentes ou pouco representadas na área do eixo, que complementassem o universo de sítios trabalhados. Dentro disto, foram investigados abrigos rochosos em alguns trechos da serra do Lajeado, resultando na identificação de cinco sítios, sendo três de arte rupestre (Serra do Carmo 1 e 3, Canuto 1), um abrigo com material lítico lascado (Serra do Carmo 2) e um abrigo com material cerâmico e lítico lascado (abrigo do Tenente) (Mapa 4).

Ainda durante as prospecções na AI buscou-se identificar sítios cerâmicos, uma

Mapa 4 – Localização de Sítios Arqueológicos.



Fonte: Carta do Brasil (IBGE)

Escala: 1:100.000

Folha: Miracema do Norte

vez que parecem estar implantados em terrenos mais distantes do Tocantins. Na área do eixo foi identificado apenas o sítio Lajeado 8, na margem direita do rio, e o sítio Lajeado 15, que já se encontra mais recuado, a aproximadamente 300 metros de distância (Mapa 4).

Por outro lado, contávamos com um grande número de informações sobre sítios cerâmicos fora da área do eixo, portanto, a mais de 700 metros do Tocantins. Foram visitadas 3 aldeias, que constituem os sítios Lajeado 5, 15 e 19. Segundo moradores locais, o sítio Lajeado 15 corresponderia a uma antiga aldeia Krahó, enquanto Lajeado 19 seria uma antiga aldeia Xerente. Abriram-se, assim, novas perspectivas de pesquisa, no campo da Etnohistória e da Etnoarqueologia.

No total, as prospecções na Área de Influência resultaram em 8 novos sítios identificados.

2.2 PROCEDIMENTOS BÁSICOS DE INVESTIGAÇÃO INTRA-SÍTIO

Os trabalhos de prospecção levaram à identificação de 51 sítios. Deles, 36 (ou 70,5%) correspondem a sítios líticos, 7 (ou 13,7%) correspondem a sítios cerâmicos e 8 (ou 15,6%) a sítios com arte rupestre.

Em cada sítio procedeu-se a um trabalho básico de reconhecimento e obtenção de dados, tanto em superfície como em profundidade, coletando elementos essenciais para uma primeira caracterização da natureza e diversidade de evidências. Em alguns sítios foram desenvolvidas, ainda, diferentes atividades de resgate, que variaram principalmente de acordo com a localização dos sítios frente às obras da barragem, o tipo de vestígios associados, os problemas de pesquisa a que se relacionam e seu estado de conservação.

É importante esclarecer que apenas 8 sítios se encontravam, de fato, em áreas afetadas pela construção do eixo e obras correlatas. Correspondem aos sítios Lajeado 17, 18, 34, 36, 37, 39, 40 e 43 (vide Mapa 3). Consideramos ainda que os demais sítios localizados no leito do Tocantins (sítios com gravuras rupestres e/ou material lítico lascado) são também passíveis de maior impacto, causado por alterações na vazão do rio durante a implantação e funcionamento da barragem. Neles foram igualmente realizadas, portanto, pesquisas de salvamento. Correspondem aos sítios Lajeado 22, a 33, 35, 38, 41, 42, 44, 45 e 46.

Tem-se, assim, um total de 27 sítios diretamente afetados pela construção do eixo, que mereceram diferentes ações e resgate.

Atividades de Resgate

Dos 27 sítios diretamente afetados pela implantação do eixo da barragem, temos:

- 2 sítios líticos a céu aberto localizados em terraços mais afastados da margem do Tocantins (Lajeado 17 e 18);
- 5 sítios no leito do Tocantins contendo gravuras rupestres e, em 2 casos, também material lítico lascado (Lajeado 38, 39, 41, 42 e 43);
- 20 sítios nas praias do Tocantins ou em suas ilhas, contendo exclusivamente material lítico lascado (Lajeado 22 a 37, 40, 44 a 46).

As características de cada uma destas classes de sítio exigiram diferentes atividades de resgate, envolvendo a abertura de linhas de sondagens cruzando os sítios em pelo menos duas direções (N-S e L-O); abertura de áreas maiores de escavação, nas porções que apresentavam estruturas conservadas; coleta

de amostras de carvão para datação; elaboração de planta baixa com localização das evidências; documentação fotográfica; cópia total das gravuras rupestres, através da técnica de *relevé*, no caso dos sítios com gravuras no leito do Tocantins; e coleta sistemática de material arqueológico em superfície.

Atividades de pesquisa nos demais sítios da área

Embora tenha sido dada prioridade na investigação dos sítios que sofreriam interferências diretas com a implantação do eixo da barragem, ainda nesta etapa de pesquisa foram realizadas atividades em uma amostra dos demais sítios identificados. Interessava-nos, por exemplo, testar determinados procedimentos de trabalho, cujos resultados contribuiriam para um refinamento da metodologia de campo.

Haviam sido identificados alguns sítios (tanto líticos como cerâmicos) extremamente extensos e com material tão disperso, que tornava-se difícil precisar os limites de um sítio e o início de outro, ou então, definir se constituiriam, de fato, manifestações de um único sítio. Assim, com o objetivo de melhor caracterizar a morfologia e o padrão de distribuição superficial de vestígios, desenvolveu-se uma metodologia específica de trabalho.

Esta metodologia consistiu, inicialmente, na delimitação de “corredores” na superfície dos sítios, cortando-os no sentido longitudinal. Os corredores possuíam 2 metros de largura e extensão variável: um corredor estendido entre Lajeado 1 e Lajeado 2, por exemplo, atingiu 130 m (Figura 1).

Os corredores eram divididos em quadras de 5 m, tendo-se realizado coletas totais de superfície de forma alternada: uma quadra sim, outra não. Este procedimento

foi adotado nos sítios líticos Lajeado 1, 2, 3, 6, 10 e 14 (Figuras 2 e 3).

Com o objetivo de definir o comportamento estratigráfico destes sítios líticos de cascalheira, foram realizadas diferentes sondagens em Lajeado 1, 2, 6 e 14.

As coletas de material nos corredores trouxeram informações sobre a morfologia dos sítios, bem como sua continuidade e/ou interrupção, com relação a sítios próximos. Por outro lado, interessava também captar a presença de estruturas nas áreas dos sítios, relacionadas à confecção, uso e descarte de material lítico. Para tanto, foram realizados 2 procedimentos distintos de coleta de material, a partir de superfícies contínuas e mais amplas.

Em Lajeado 1 foram feitas duas malhas de quadriculamento, com quadras medindo 10 x 10 metros. A área de “Coleta 1” foi de 120 x 80 metros (9.600 m²) e a área de “Coleta 2” de 80 X 40 m (3.200 m²) (Figura 1). A coleta foi feita em quadras intercaladas (uma sim, outra não). Já em Lajeado 3 definiu-se uma área de distribuição central do material, de 50 X 50 m, efetuando-se coleta total em seu interior (Figura 4).

Por fim, procedimentos semelhantes foram adotados em um sítio cerâmico identificado na área (Lajeado 8): dois corredores de coleta cortaram a área do sítio (com 80 e 20 metros de extensão); foram realizadas 7 sondagens de 1m² cada, espalhadas pela área; e, por fim, foram mapeadas as áreas que apresentavam concentração de vestígios, tanto líticos como cerâmicos (Figura 5). Próximo ao sítio foi identificada uma área de concentração de material lítico lascado, onde se realizou um terceiro corredor de coleta (“Corredor Anexo Lítico”), com o objetivo de precisar sua relação com a aldeia cerâmica.

Figura 1 – Planta Esquemática do Sítio Lajeado 1 e 2.

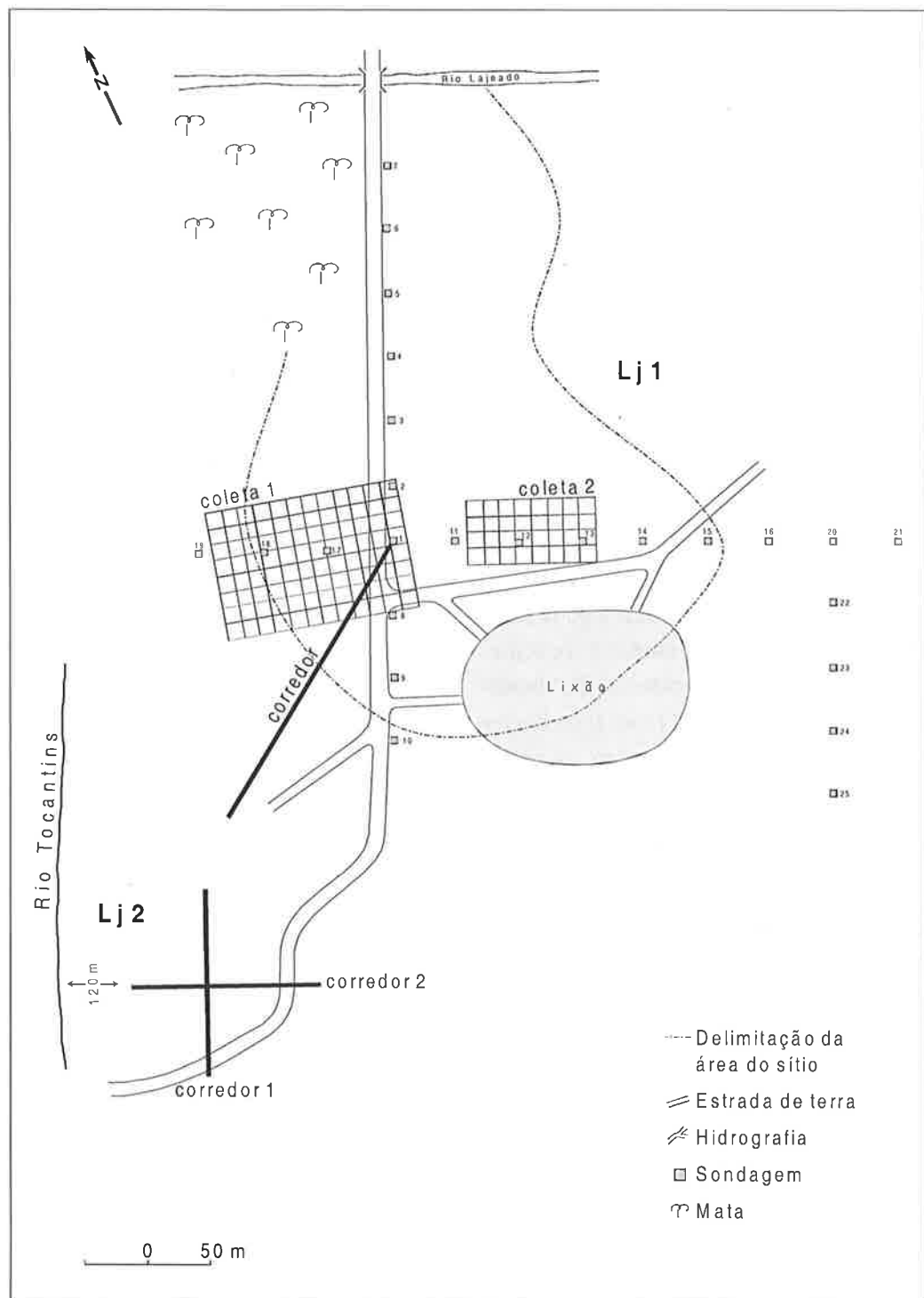


Figura 2 – Planta Esquemática do Sítio Lajeado 10.

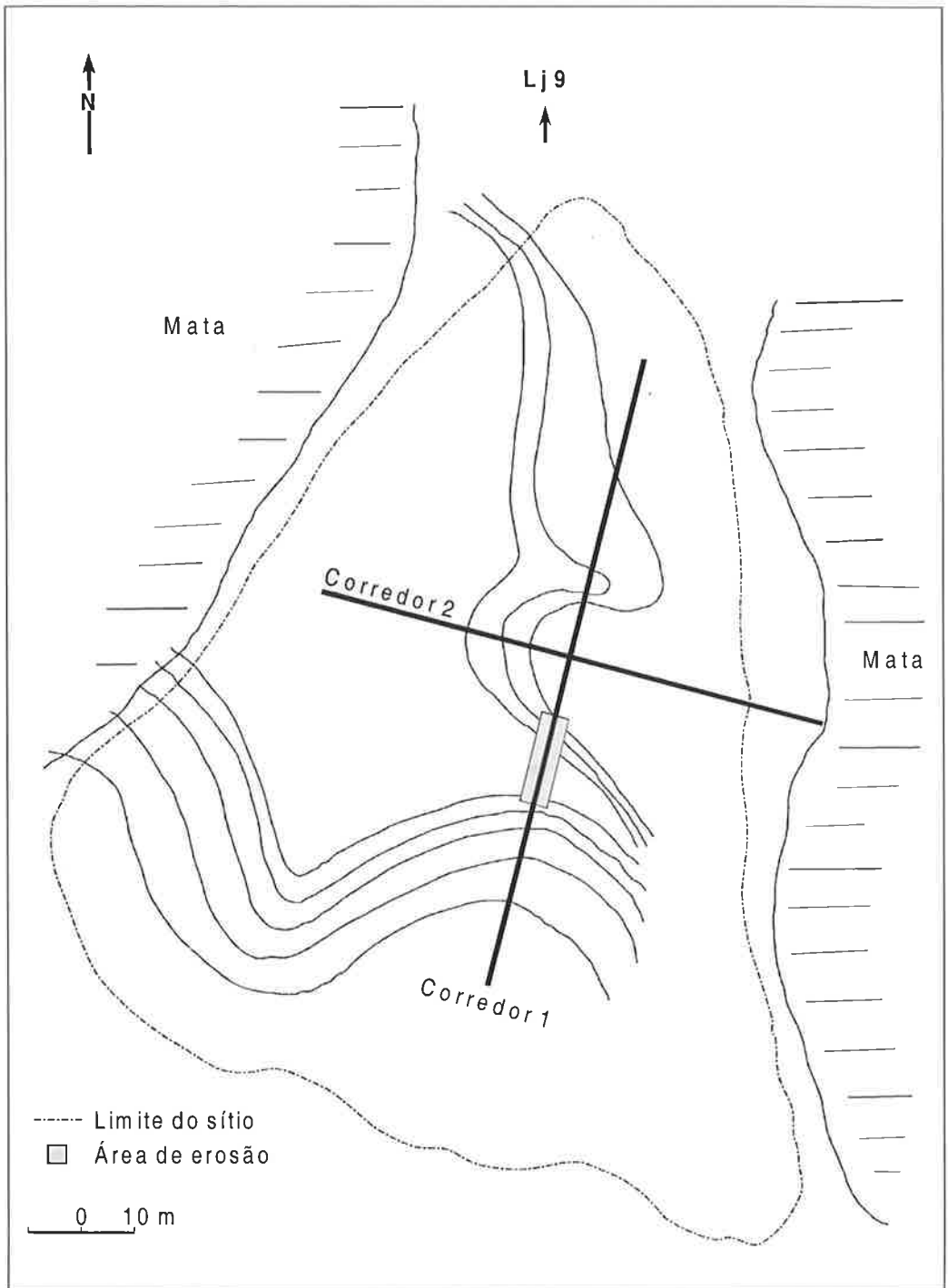


Figura 3 – Planta Esquemática do Sítio Lajeado 14.

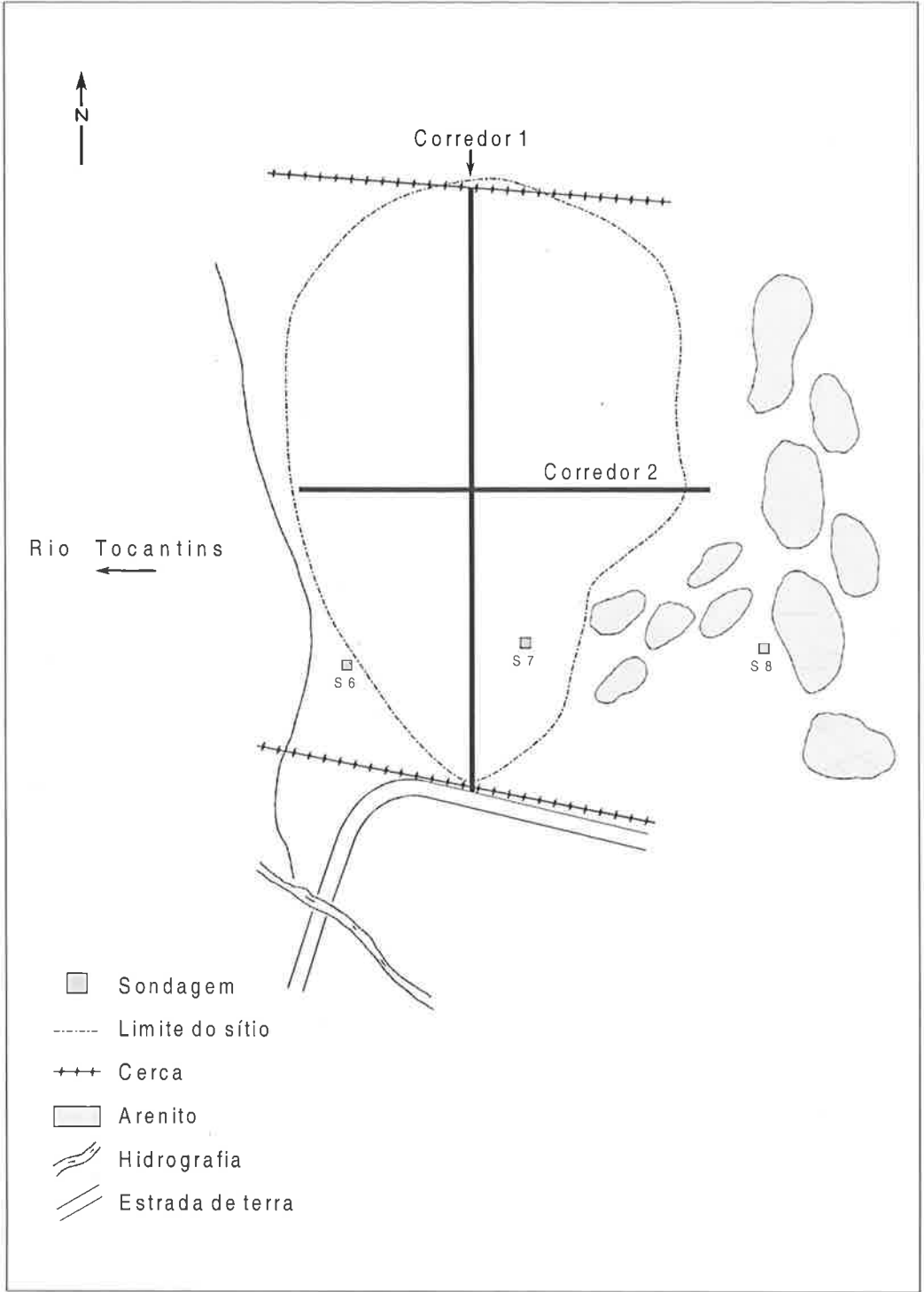


Figura 4 – Planta Esquemática do Sítio Lajeado 3.

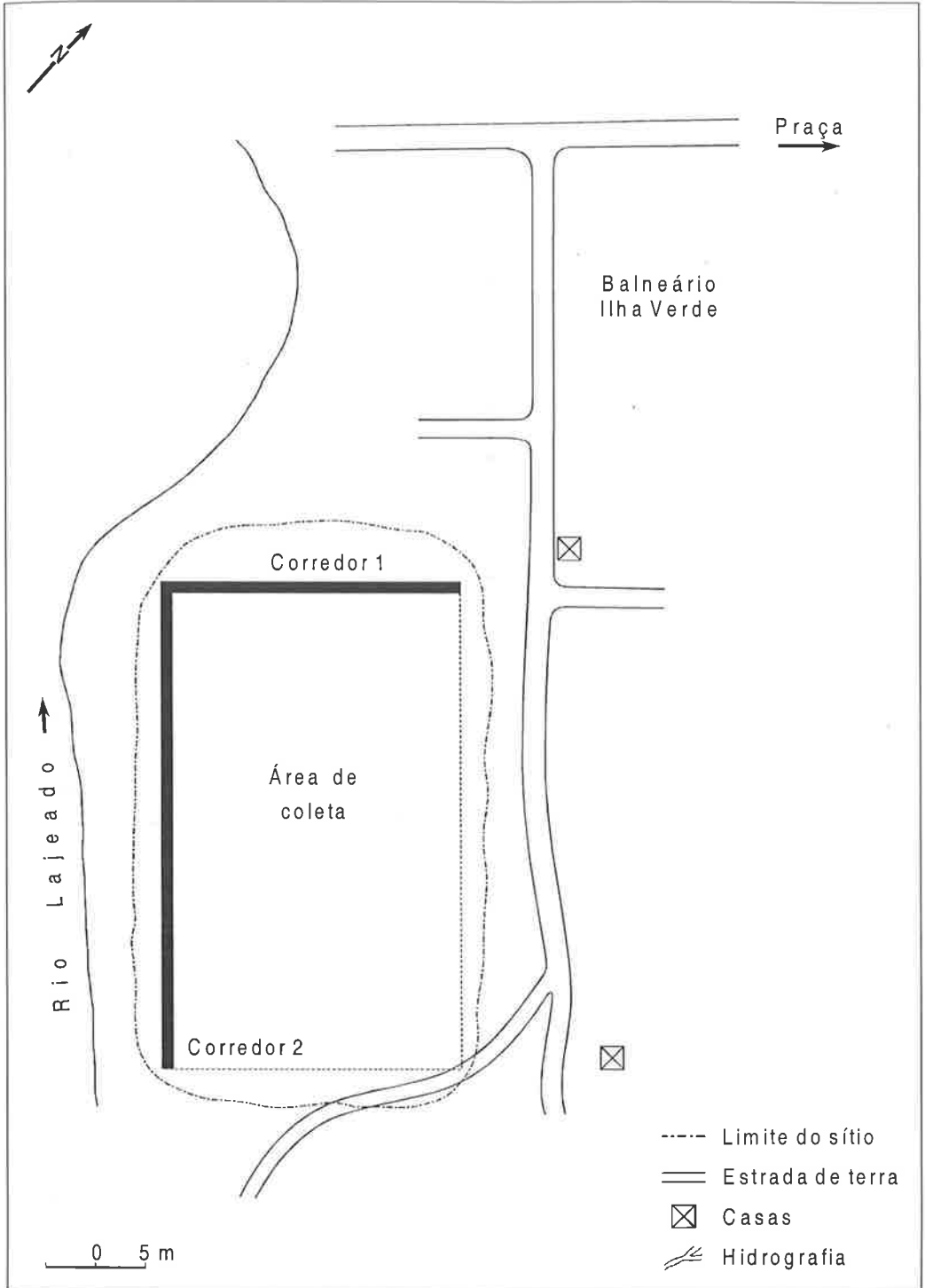
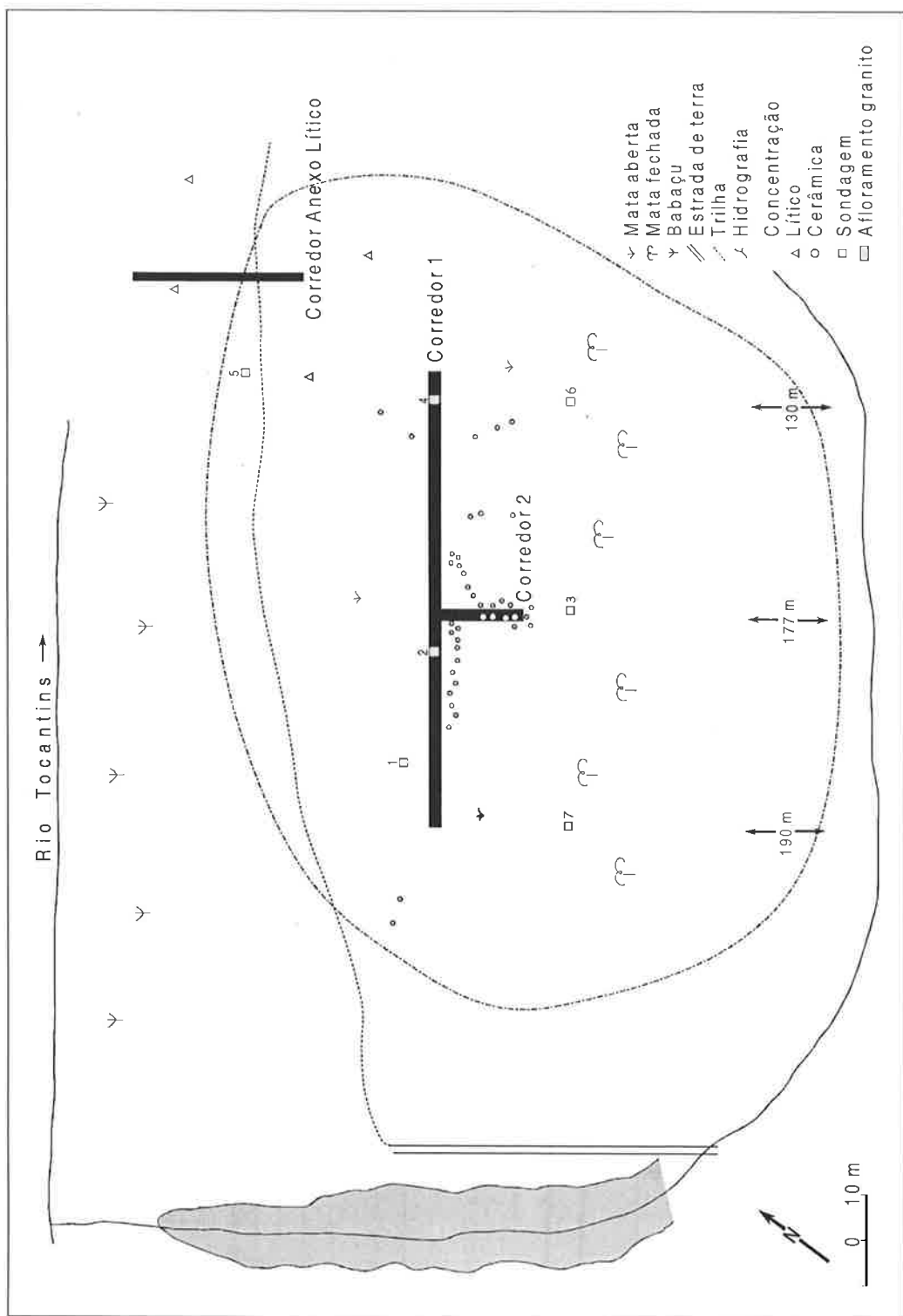


Figura 5 – Planta Esquemática do Sítio Lajeado 8.



3. ATIVIDADES DE LABORATÓRIO

Tendo-se concluído os trabalhos de campo, foram desenvolvidas diferentes atividades em laboratório, envolvendo o processamento e análise dos materiais e informações coletados. O número total de peças

organizadas e inventariadas é de 9.672 peças líticas e 1.200 peças cerâmicas.

Duas amostras de carvão foram enviadas ao Beta Analytic Inc. (EUA), para datação. Foram obtidas em dois sítios líticos distintos, localizados na área do eixo, e seus resultados aparecem no Quadro 1.

Quadro 1 – Datações Absolutas para Sítios da Área.

SÍTIO	N. LABORATÓRIO	DATAÇÃO AP	DATAÇÃO AD
Lajeado 6	Beta-118819	550 +- 60	cal 1300 a 1450
Lajeado 7	Beta-118820	1530 +- 50	cal 425 a 640

4. OS SÍTIOS LÍTICOS

Os 36 sítios líticos identificados na área não formam um todo homogêneo. Ao contrário, apresentam uma série de variações, principalmente quanto à morfologia, localização na paisagem e vestígios materiais associados. Estas variações permitem dividi-los em 3 classes iniciais:

- sítios líticos ribeirinhos, localizados nas margens, praias ou ilhas do rio Tocantins;
- sítios líticos de terraço, localizados em porções mais altas, acima das barrancas do Tocantins;
- sítios líticos em abrigo, localizados nos trechos serranos, mais altos e afastados da calha fluvial.

4.1 OS SÍTIOS LÍTICOS RIBEIRINHOS

Pertencem a esta categoria 19 sítios, que correspondem a 37,2% do total de sítios cadastrados, e 52,7% dos sítios líticos. São eles: Lajeado 22 a 37, 40, 44 e 46. Localizam-se nas praias que se abrem ao longo do rio Tocantins (16 sítios), bem como em ilhas forma-

das por afloramentos banhados pelas águas (5 sítios). Em todas estas áreas ocorrem blocos de granito entremeados a blocos de arenito, havendo ainda afloramentos de quartzo.

O material arqueológico, formado por uma indústria lítica lascada bastante diversificada, aparece em meio à areia, às cascalheiras de seixos e na base dos matacões e rochas maiores que se encontram por toda esta área. Tanto os sítios de margem como os sítios em ilhas apresentam superfícies bastante irregulares devido à constante ação das cheias do rio, bem como aos desmoronamentos dos barrancos adjacentes. São cobertos por vegetação rasteira e arbustiva, enquanto o topo dos barrancos apresenta mata de galeria.

Todos os sítios se encontram em áreas inundáveis. Assim, certamente os vestígios sofreram intensos remanejamentos e os sítios apresentam, hoje, apenas parte do material arqueológico originalmente depositado. As peças de maior porte (e, portanto, mais pesadas) teriam maior probabilidade de permanecer no local, enquanto vestígios fugazes de lascamento podem ter sido mais facilmente transportados pelas águas. Observações em zonas de

erosão indicam que a camada de areia atinge entre 50-80cm de profundidade, enquanto o material arqueológico alcança 20 cm.

O tamanho destes sítios ribeirinhos é bastante variável. Geralmente são mais compridos que largos, uma vez que correspondem à faixa de praia ao longo do Tocantins, e mesmo as ilhas são geralmente alongadas. A medida do eixo maior varia entre 21 metros (sítio Lajeado 32) e 300 metros (sítio Lajeado 22). A densidade de material lascado nos sítios varia consideravelmente, como mostra o Quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Quantidade de Material Lítico nos Sítios.

SÍTIO	NÚMERO DE PEÇAS LÍTICAS
Lajeado 22	219
Lajeado 23	29
Lajeado 24	4
Lajeado 25	41
Lajeado 26	5
Lajeado 27	8
Lajeado 28	18
Lajeado 29	41
Lajeado 30	8
Lajeado 31	38
Lajeado 32	31
Lajeado 33	32
Lajeado 34	1
Lajeado 35	5
Lajeado 36	16
Lajeado 37	11
Lajeado 40	15
Lajeado 44	14
Lajeado 46	1
TOTAL	537

A indústria lítica destes sítios é, de um modo geral, bastante semelhante. Trata-se de um material volumoso, onde predominam peças grandes e pesadas, sobretudo lascas de espatifamento, fragmentos de seixos lascados e lascas grandes em geral.

Todo o material provém de seixos e calhaus existentes nas cascalheiras do próprio rio Tocantins e, de fato, grande parte das peças ainda guarda a superfície cortical dos blocos de origem. São comuns os núcleos grandes (seixos lascados mas não esgotados), fragmentos de núcleo em geral e também alguns percutores.

Os artefatos são de grande porte, ferramentas pesadas, sobretudo lascas grandes e espessas, frequentemente exibindo evidências de uso intensivo, e não raro retocadas em um ou dois bordos. As peças podem aparecer retocadas com certa regularidade, configurando raspadores laterais de bordo abrupto e semi-abrupto. Ocasionalmente aparecem *lesmas* (ferramenta lascada unifacial de formato fusiforme e bordos convergentes) também volumosas e bastante usadas. Em 3 sítios ocorrem peças lascadas bifacialmente, sendo uma delas um enorme biface em arenito silicificado.

Em alguns destes sítios, notadamente Lajeado 22, ocorrem muitas lascas menores, preparadas, de talão espesso e quase sempre liso, apontando a presença de atividades de produção de utensílios lascados. Estas lascas menores geralmente exibem um ou mais bordos utilizados e, mais raramente, retocados.

No que diz respeito às matérias primas, o arenito silicificado predomina amplamente (mais de 80%), mas quartzitos de texturas diversificadas e o quartzito também são comuns, enquanto o sílex é raro. De fato, é

também uma matéria prima menos disponível nas cascalheiras, embora apresente excelente qualidade. Neste sentido, o arenito silicificado se mostra como a opção que melhor representa um compromisso satisfatório entre a aptidão ao lascamento e a disponibilidade. Por outro lado, em 2 sítios foram observadas lascas em quartzo de qualidade excepcional, o que costuma ser raro na área.

Concluindo, a análise preliminar da indústria lítica destes sítios ribeirinhos indica que são áreas onde se concentram as etapas iniciais da produção de instrumentos lascados, ou seja, a procura e seleção das matérias primas, a fragmentação dos blocos, o descorticamento e preparo dos núcleos e, ainda, a debitagem inicial das lascas grandes, que serão utilizadas para a manufatura das ferramentas que caracterizam esta indústria, entre as quais ocorrem ainda lesmas e artefatos bifaciais, como as pontas projéteis.

Em alguns sítios observa-se que parte das etapas posteriores também se encontra presente, correspondendo à confecção propriamente dita dos artefatos sobre as lascas grandes, utilizadas como suporte. Entretanto, em nenhum local observou-se vestígios de retocagem e acabamento de artefatos, e nem tão pouco artefatos curados, bem acabados e finalizados, ou mesmo reduzidos, em fase terminal. Sintomaticamente, os materiais líticos presentes nos sítios ribeirinhos não exibem evidências de queima ou tratamento térmico de qualquer natureza, o que reforça a idéia de dissociação com áreas de atividade e retocagem de artefatos, quase sempre relacionadas com estruturas de combustão.

Cabe lembrar que é possível que tais atividades tenham estado presentes nestes sítios, mas que os vestígios delas provenientes, em

sua maior parte bastante fugazes e diminutos, tenham sido lavados pelas cheias do Tocantins. De fato, é comum observar entre as peças lascadas provenientes destes locais algumas bastante polidas e com os bordos arredondados, indicando terem sido movimentadas pela água e areia, como seixos rolantes.

4.2. Sítios Líticos em Terraços

Incluem-se nesta categoria 16 sítios, que constituem 31,3% do total e 44,4% dos sítios líticos. Correspondem aos sítios Lajeado 1, 2, 3, 6, 7, 9 a 14, 16, 17, 18, 20 e 21. Os sítios se encontram espalhados pelos amplos e extensos terraços que ladeiam o Tocantins, sobretudo em sua margem direita. Estes terraços apresentam uma série de ondulações, formando morrotes de tamanho variado, em cujos topos geralmente ocorrem áreas de cascalheira, com seixos de arenito, quartzito e quartzo de pequeno e médio porte. Em meio a estas cascalheiras ocorre material lítico lascado, em proporções variadas. Alguns sítios não se localizam em áreas de cascalheira, mas sim sobre afloramentos rochosos, onde igualmente há disponibilidade de obter matéria prima para lascamento.

Uma vez que o solo, na área dos sítios, é sempre arenoso, contamos com uma vegetação rasteira e arbustiva, por vezes entremeada por árvores de pequeno a médio porte, típicas de cerrado. Estas condições conferem aos sítios, quase sempre, boas condições de visibilidade em superfície.

Geralmente os sítios não estão muito próximos ao Tocantins. A distância variou de 100 a 450 metros, sendo que a maioria está entre 150 e 250 metros. Por outro lado, os sítios estão sempre perto de pequenos rios ou córregos.

O tamanho dos sítios é bastante variável: o menor apresentou diâmetro de 12,5 metros (Lajeado 21), enquanto o maior teve eixos de 600 X 500 metros (Lajeado 1).

Os sítios são bastante superficiais. Sondagens realizadas em 9 deles indicaram que, nas áreas de cascalheira, a camada arqueológica alcança de 10 a 20 cm de profundidade. Apenas 2 sítios se mostraram mais profundos (Lajeado 17 e Lajeado 18), com material entre 30 e 50 cm. Estes sítios encontram-se enterrados e não exibem vestígios à superfície, configurando situações de exceção.

Os sítios líticos em terraços apresentaram também significativas variações de densidade, que se refletem na quantidade de material coletado, conforme mostra o Quadro 3.

Quadro 3 – Quantidade de Material Lítico Coletado nos Sítios.

SÍTIO	QUANTIDADE DE MATERIAL COLETADO
Lajeado 1	3.256
Lajeado 2	641
Lajeado 3	27
Lajeado 6	2.392
Lajeado 7	12
Lajeado 9	128
Lajeado 10	55
Lajeado 11	339
Lajeado 12	166
Lajeado 13	138
Lajeado 14	232
Lajeado 16	56
Lajeado 17	54
Lajeado 18	525
Lajeado 20	18
Lajeado 21	42
TOTAL	8.081

A indústria lítica exhibe, na maior parte, características tecnológicas bastante homogêneas, embora tenham sido observadas variações consideráveis de frequência e distribuição espacial das categorias básicas utilizadas na análise. Alguns sítios (Lajeado 7, 11, 13, 16) escapam ao padrão geral, exibindo características um tanto diferentes, e serão discutidos à parte.

Os materiais indicam uma indústria diversificada e, na maioria dos sítios, abundante, com predominância quase total de vestígios de manufatura e acabamento de artefatos sobre lasca. Tem-se assim grande quantidade de lascas e microlascas de retocagem, derivados de uma intensiva elaboração de artefatos, assim como de sua reciclagem. Núcleos e percutores também estão presentes, indicando a prática de debitage primária, encontrando-se inclusive uma significativa quantidade de fragmentos de bloco e núcleos esgotados, assim como percutores inteiros e fragmentados.

A julgar pela alta frequência, tanto nos utensílios quanto nas lascas, de bordos com desgastes e fraturas relacionadas ao uso, é possível inferir que as atividades desenvolvidas nestes sítios não se limitavam à confecção de artefatos, mas envolviam também o uso, reciclagem e, na fase terminal, o descarte. De fato, evidências de uso intensivo encontram-se em uma ampla variedade de raspadores e lascas, simples e retocadas.

Por outro lado, lascas de reavivagem de núcleos e artefatos não são raras, assim como artefatos fraturados e reciclados para outras funções, o que reforça a percepção da existência de áreas de atividades diversificadas nestes sítios, onde os artefatos líticos foram usados para a produção de utensílios em outros materiais como madeira, couro, fibras, etc.

Em alguns sítios, como Lajeado 1 e 6, onde foram realizadas coletas sistemáticas de superfície e sondagens, é possível desenvolver uma análise exploratória de distribuição espacial dos vestígios. Embora esta análise ainda esteja em andamento, sugere-se que os sítios apresentem áreas diversificadas de atividade, provavelmente em torno de espaços domésticos. Assim, além dos sítios terem sido, possivelmente, utilizados enquanto locais de moradia, também neles as ferramentas eram fabricadas, bem como se desenvolviam diferentes atividades relacionadas à curadoria e descarte dos artefatos produzidos.

A matéria prima predominante é o arenito silicificado, que certamente compõe algo em torno de 80% dos materiais lascados. Quartzitos e quartzo também ocorrem, sendo que o silex é relativamente raro.

A tecnologia é elaborada, com padrões de acabamento e retocagem dos bordos unifaciais e, mais raramente, bifaciais. O preparo sistemático dos núcleos aparece nas lascas e a debitage de lâminas também está presente. Talões lineares e facetados provenientes da retocagem indicam um controle tecnológico bastante apurado, inclusive com a utilização de percussão suave. Apesar de evidências de lascamento bifacial serem bastante escassas, o padrão de retocagem das lesmas (muito comuns em todos os sítios) e das peças bifaciais é essencialmente similar, e não há dúvidas de que ambos os tipos de artefato são gerados por portadores de uma mesma tecnologia.

Alguns dos sítios exibem padrões tecnológicos mais simples, sendo também menos densos do que os acima discutidos. Alguns, como Lajeado 16, talvez relacionem-se a sítios cerâmicos. De fato, este sítio

apresentou inclusive um machadinho polido, artefato típico do contexto de ocupação das sociedades ceramistas

4.3. Sítios Líticos em Abrigo

Enquadra-se aqui um único sítio, Serra do Carmo 2. Trata-se de um abrigo localizado no alto da serra do Lajeado, margem direita do Tocantins. Apresenta pequenas dimensões, com 7,5 m de boca e 8 m de profundidade, com altura máxima de 2 m. Tanto na entrada do abrigo como na área plana que se abre à sua frente observou-se a presença de material lítico lascado, e uma coleta de superfície totalizou 55 peças.

Esta coleção, apesar de reduzida, mostra uma diversidade de matérias primas e indica debitage ocasional, aparentemente associada à produção de artefatos circunstanciais e, também, à retocagem e/ou reavivagem de artefatos trazidos de outros locais. Definitivamente, não configura uma área de produção intensiva de implementos lascados.

5. OS SÍTIOS CERÂMICOS

A esta classe estão relacionados 7 sítios: Lajeado 5, 8, 15, 19, Abrigo do Tenente e Canuto. Os 5 primeiros correspondem a sítios a céu aberto e os 2 últimos a sítios em abrigo. Temos ainda 2 sítios (Lajeado 6 e 12) que apresentaram uma quantidade extremamente pequena de cerâmica em relação ao material lítico lascado, o que fez com que fossem, no momento, enquadrados na categoria de “sítios líticos”, e apresentamos aqui apenas a descrição de suas peças cerâmicas.

A quantidade de material obtido nos 9 sítios que apresentam cerâmica na área é fornecida pelo Quadro 4.

Quadro 4 – Quantidade de Material Coletado nos Sítios.

SÍTIO	CERÂMICA	LÍTICO
Lajeado 5	60	75
Lajeado 6	7	2392
Lajeado 8	662	873
Lajeado 12	166	166
Lajeado 15	170	13
Lajeado 19	30	85
Lajeadinho	66	4
A. do Tenente	4	–
Canuto	35	4
TOTAL	1200	3612

Além das variações que os sítios apresentam em relação à quantidade de material cerâmico associado, também são bastante evidentes variações nos aspectos tecnológicos, morfológicos e estilísticos, a partir do que é possível definir a presença de ao menos 4 indústrias cerâmicas na área, cujas principais características são fornecidas a seguir.

5.1 SÍTIOS CERÂMICOS A CÉU ABERTO (Lajeado 5, 6, 8, 15 e Lajeadinho)

A distância dos sítios em relação ao rio Tocantins é variável: enquanto Lajeado 8 está a 70 metros de sua margem, Lajeado 15 está a aproximadamente 300 metros, Laje-

adinho a aproximadamente 700 metros, e os demais sítios estão ainda mais distantes. Assim, é possível indicar que estas aldeias se localizam, preferencialmente, a uma distância maior dos rios de grande porte. Por outro lado, os sítios apresentam sempre rios e/ou córregos menores nas proximidades (menos de 100 metros).

O tamanho dos sítios varia mas, de um modo geral, enquadram-se aqui aqueles com menores dimensões: Lajeadinho tem eixo maior de 80m, Lajeado 5 tem eixo maior de 120 metros, e Lajeado 15 de 174 metros. Material esparsa ocorre por esta extensão, em área de formato elíptico. Entretanto, devemos mencionar que estes 3 sítios já foram bastante alterados por ações antrópicas, tornando necessário proceder a intervenções mais precisas de sub-superfície, de forma a confirmar as medidas, bem como o padrão de distribuição dos vestígios.

Lajeado 8 apresenta tamanho um pouco maior (eixo de 200 metros), além de uma distribuição diferenciada de material: foram identificadas 3 áreas de concentração, distantes 40 metros entre si. Este sítio se encontra bem conservado, tendo-se realizado pesquisas mais minuciosas (corredores de coleta, 7 sondagens e mapeamento das áreas de concentração de vestígios – Figura 5).

A indústria cerâmica

Para a análise desta indústria contou-se com uma coleção de 965 fragmentos, dos quais 837 correspondem a fragmentos de parede, 84 correspondem a fragmentos de borda e 44 fragmentos de base.

As principais características tecnológicas são: o emprego do cariapé como antiplástico; a técnica de manufatura acordelada, indicada pela fratura regular ao longo dos

roletes (embora a técnica de modelagem tenha sido observada em algumas vasilhas de reduzidas dimensões, bem como na confecção das bases); a queima incompleta, indicada pela presença constante de núcleos escuros na seção transversal dos fragmentos; paredes com espessura variando de 0,5 a 1,8 cm e bases com espessura variando de 0,7 a 2,3 cm; e a prática de alisamento das superfícies interna e externa das vasilhas. A cor predominante desta cerâmica é a amarelo-acinzentada.

Quanto à morfologia, os recipientes abrangem tigelas relativamente rasas e com bases planas. Dentre as bordas, observa-se um predomínio das infletidas que, em alguns casos, podem apresentar reforço ou serem expandidas. Nestes dois últimos casos, a espessura máxima da borda alcança 2,8 cm. O sítio Lajeado 8 forneceu ainda uma borda ondulada.

A forma do lábio é predominantemente arredondada, embora ocorram lábios planos com certa frequência e, em menor proporção, lábios apontados e biselados.

O diâmetro das bordas varia de 10 a 68 cm, sendo as mais frequentes as acima de 30 cm.

As bases são sempre planas observando-se, em alguns casos, a formação de um discreto pedestal (Figura 6 C). Uma base apresenta, na parte de baixo, impressão de cestaria, indicando que a vasilha foi apoiada em algum tipo de esteira enquanto foi confeccionada, guardando suas marcas.

A partir do desenho das bordas e das medidas de diâmetro foi possível reconstituir 8 formas de vasilhas, conforme mostra a Figura 6 A, B e C, sendo elas:

- **Forma 1:** Prato de contorno direto, com base plana. Ângulo de parede: 0 a 23°.

- **Forma 2:** Prato de contorno infletido, com base plana ou em pedestal. Ângulo de parede: 0 e 23°.

- **Forma 3:** Tigela de contorno direto. Ângulo de parede: 23-45°.

- **Forma 4:** Tigela de contorno direto. Ângulo de parede: 45-90°.

- **Forma 5:** Tigela de contorno infletido. Ângulo de parede: 23-90°.

- **Forma 6:** Vasilha semi-esférica, contorno infletido. Ângulo de parede: 90-135°.

- **Forma 7:** Vasilha esférica de contorno infletido. Ângulo de parede: 135-180°.

- **Forma 8:** Vaso infletido com gargalo. Ângulo de parede superior a 90°.

Esta indústria praticamente não apresenta decoração. Apenas no sítio Lajeado 8 foram coletadas 2 peças com incisão, sendo uma borda com incisão longitudinal, sobre o lábio e um fragmento de parede com incisões mais largas (0,3 cm), irradiando em 3 direções.

As características apresentadas por esta indústria guardam profundas semelhanças ao que, na arqueologia regional, foi denominado “tradição Uru”. Sítios relacionados estão presentes em diferentes partes do Brasil Central, em Goiás e no Mato Grosso (Wust 1996, Robrahn-González 1996). Uma primeira análise sobre o significado desta correlação é apresentada adiante.

5.2. SÍTIOS CERÂMICOS A CÉU ABERTO (Lajeado 19)

Na margem direita do ribeirão Lajeado identificou-se material cerâmico e lítico lascado em eixos de 400 X 200 metros, embora tenha sido possível detectar uma área de maior adensamento de material, com 190

Figura 6 A – Formas Reconstituídas de Vasilhas Cerâmicas.

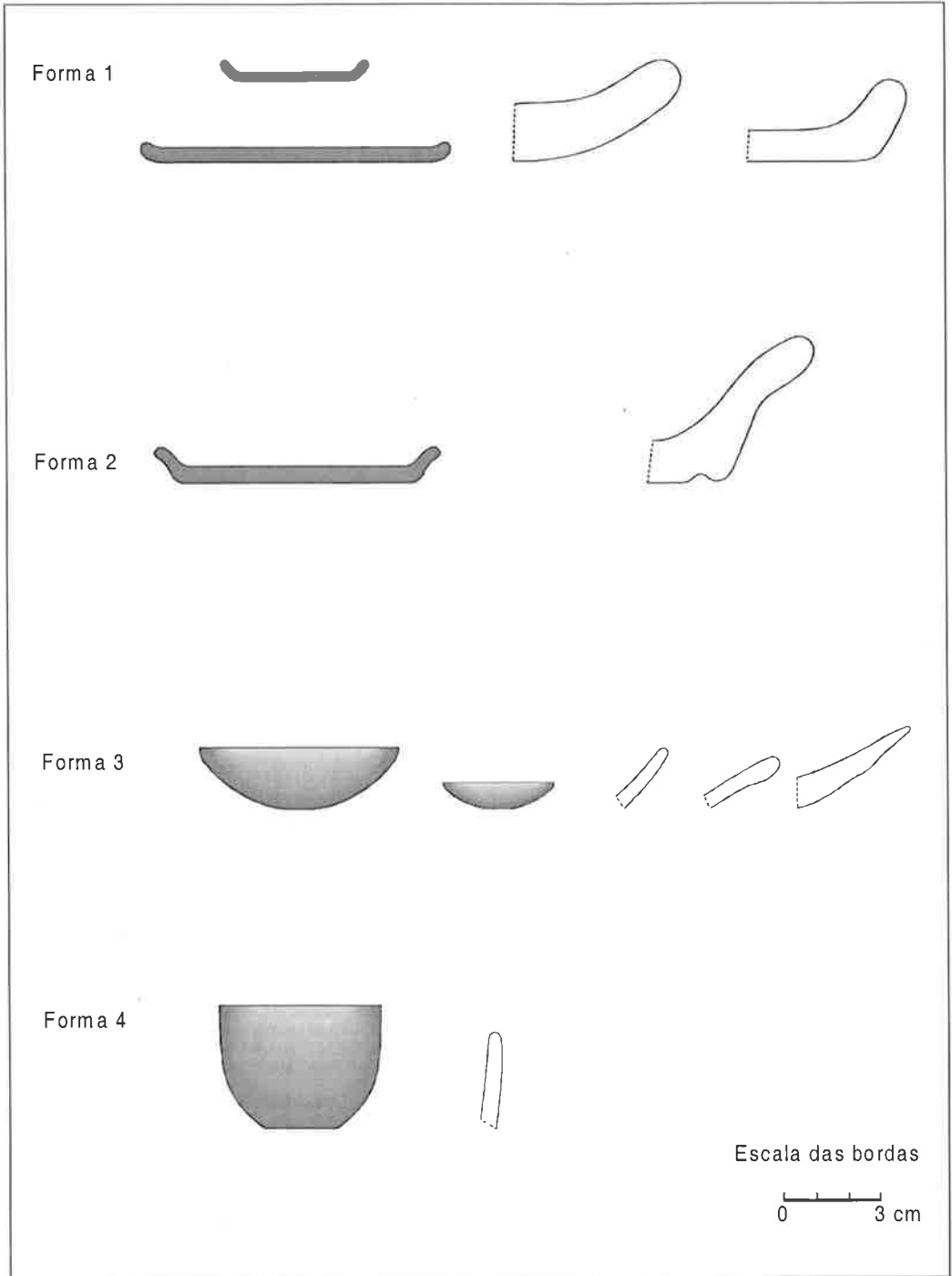


Figura 6 B — Formas Reconstituídas de Vasilhas Cerâmicas.

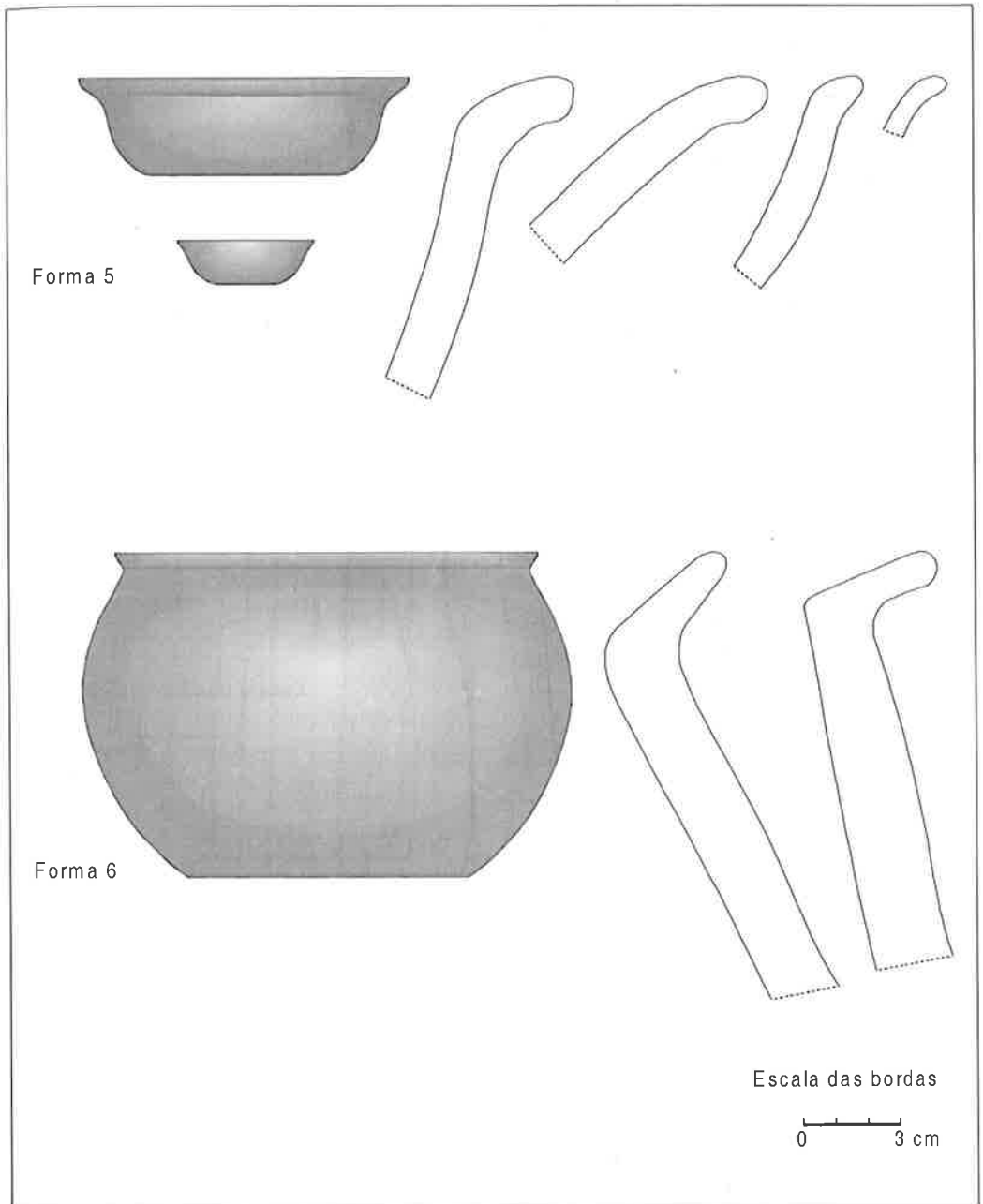
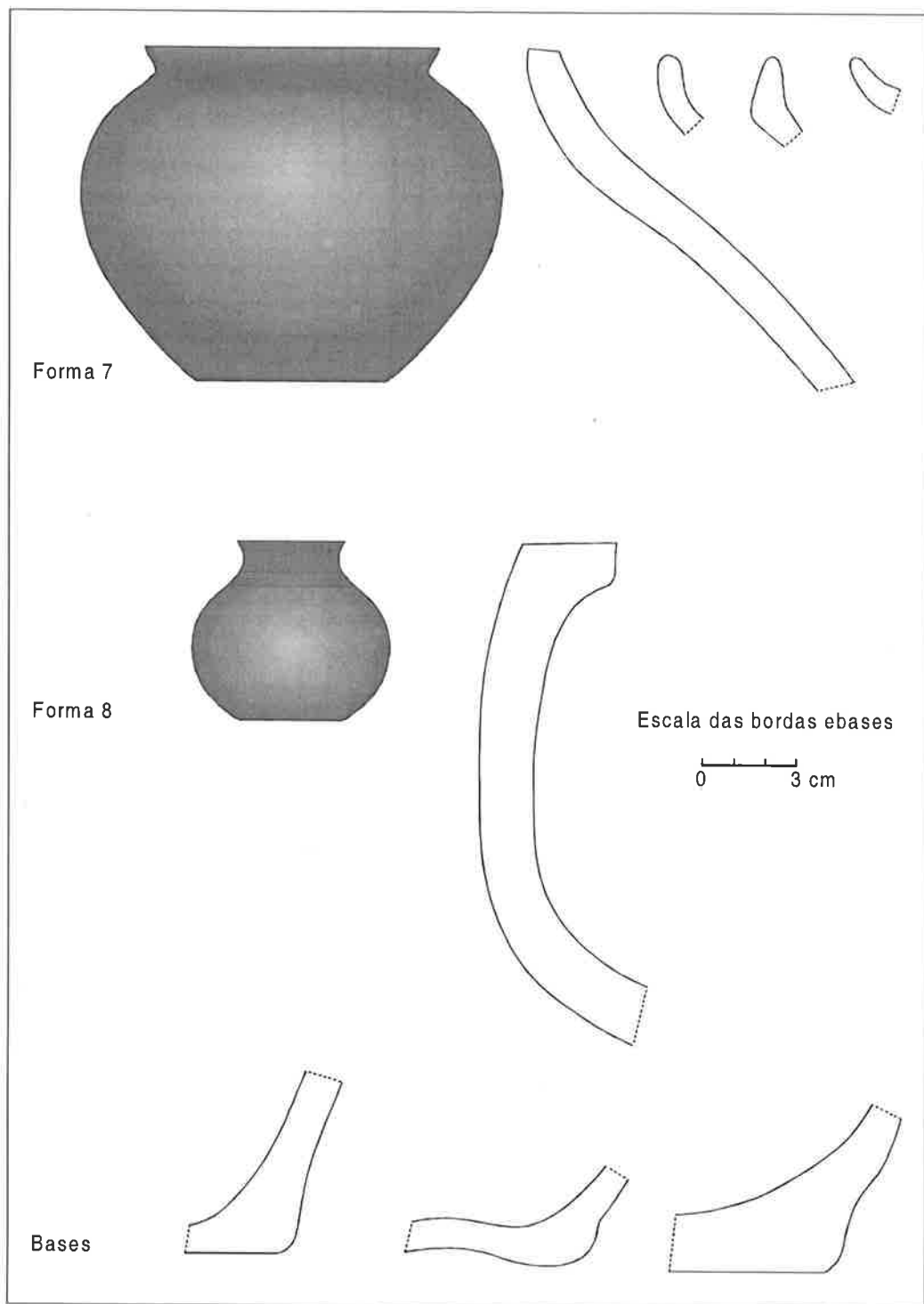


Figura 6 C – Formas Reconstituídas de Vasilhas Cerâmicas.



X 170 metros. Segundo moradores locais, o sítio continuaria na margem esquerda do ribeirão. Trata-se, sem dúvida, do maior sítio cerâmico identificado na área. Ainda segundo moradores locais, este sítio constituiria uma antiga aldeia Xerente.

A indústria cerâmica

Para a análise desta indústria contou-se com uma coleção de 30 fragmentos, sendo que 3 peças correspondem a fragmentos de bordas, 3 são fragmentos de base e 24 fragmentos de parede. Embora estejamos lidando ainda, sem dúvida, com uma coleção extremamente reduzida, ela apresenta características bastante diversas das obtidas nos demais sítios da área, levando-nos, neste momento, a trabalhá-la em separado.

Suas principais características tecnológicas são: antiplástico mineral em 53% das peças e cariapé nos 47% restantes; técnica de manufatura acordelada e modelada; queima incompleta; parede com espessura de 0,8 a 1,7 cm; e alisamento nas superfícies interna e externa. A cor predominante desta cerâmica é a marron-avermelhada.

Quanto à morfologia, foram reconstituídas apenas 3 formas, 2 infletidas e 1 direta. Nenhuma apresentou reforço ou foi expandida. A forma do lábio é sempre arredondada. O diâmetro das bordas é bastante inferior ao alcançado pelos sítios anteriormente descritos, ficando entre 14 e 36 cm. Também as bases variam, tendo-se observado apenas a presença do tipo arredondado.

A partir do desenho das bordas e das medidas de diâmetro, foi possível reconstituir 3 formas de vasilhas, conforme nos mostra a Figura 7, sendo elas:

- **Forma 1:** Tigela de contorno direto. Ângulo de parede: 45 a 90 °.
- **Forma 2:** Tigela de contorno infletido. Ângulo de parede: 23 a 90 °.
- **Forma 3:** Vasilha semi-esférica infletida. Ângulo de parede: 90 a 135°.

Esta indústria não apresentou qualquer elemento decorativo.

As características apresentadas sugerem uma associação com a denominada tradição Aratu, que reúne sítios dispersos por todo o Estado de Goiás, incluindo o alto vale do Tocantins (Wust 1983; Robrahn-González 1996; Martins 1998). Seus sítios ocorrem ainda no Nordeste, rodeando o Estado do Tocantins em sua porção sul e leste. De qualquer forma, ainda não haviam sido identificados sítios tão próximos à floresta amazônica.

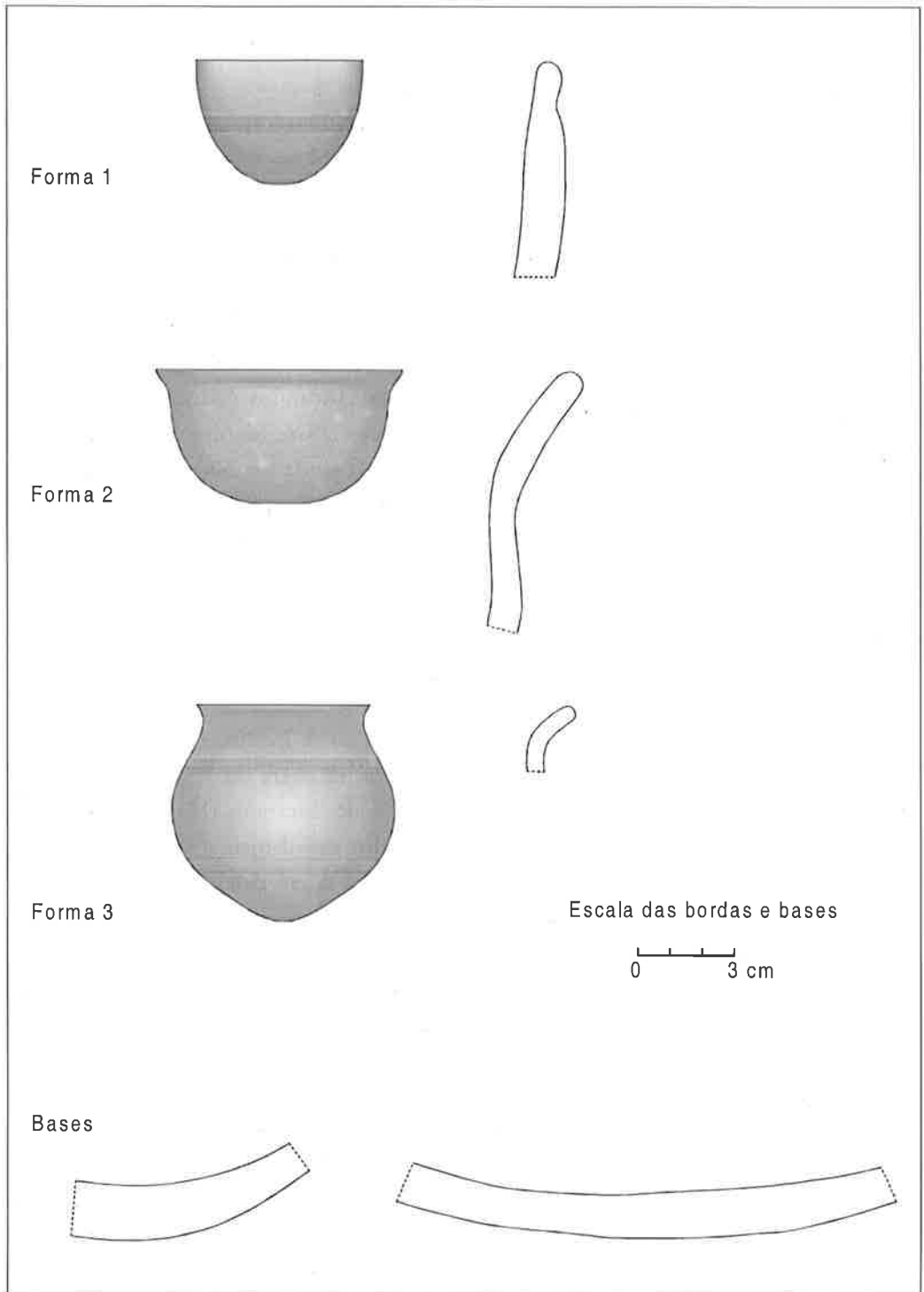
5.3. SÍTIO CERÂMICO EM ABRIGO (Abrigo do Tenente)

O sítio se localiza em extenso paredão rochoso da Serra do Lajeado, margem esquerda do Tocantins (Mapa 3). O paredão tem aproximadamente 50 metros de comprimento e, em determinado ponto, apresenta uma entrada estreita, de 2 metros de boca por 4,5 metros de profundidade, e 4 metros de altura. Identificou-se, ali, a presença exclusiva de material cerâmico em superfície, além de uma fogueira bastante bem conservada.

A indústria cerâmica

Neste sítio foram coletadas 6 peças, todas fragmentos de parede. Predomina o antiplástico mineral (83,3%) ocorrendo ainda, em menor proporção, o caco moído (16,6%). As peças são consideravelmente

Figura 7 – Formas Reconstituídas e Bases – Sítio Lajeado 19.



mais finas do que as dos demais sítios, apresentando espessuras entre 0,4 e 0,8 cm. Das 6 peças, 4 (ou 66,6%) apresentam brunidura, que corresponde a uma técnica de enrugamento das superfícies, através de queima redutora.

Estes atributos são característicos de uma cerâmica que ocorre por todo o Brasil Central, embora seus sítios não sejam muito numerosos. Foi classificada enquanto pertencente à tradição Una (Schmitz *et alii* 1986), embora esta tradição pareça englobar coleções cerâmicas em contextos extremamente variados (Wust 1996, Robrahn-González 1996).

Ao que tudo indica, esta indústria está relacionada aos primeiros grupos ceramistas que se desenvolveram no Brasil Central, originários dos povos caçadores-coletores mais recentes que, em certas áreas, teriam adotado a prática da confecção e uso de artefatos cerâmicos. A adoção pode ter-se processado através de contatos culturais com grupos de outras regiões (possivelmente a Amazônia), pela invenção independente, ou por um misto de ambos os fenômenos (Robrahn-González 1996). O sítio Abrigo do Tenente se insere nesta discussão, muito provavelmente indicando um processo semelhante também neste trecho do Tocantins.

5.4. SÍTIO CERÂMICO EM ABRIGO (Canuto)

Enquadra-se aqui o sítio Canuto, que se localiza no alto da serra do Lajeado. O sítio corresponde a um abrigo rochoso, em cujas paredes temos grande quantidade de pinturas rupestres. Na superfície do abrigo foi coletada uma coleção de 35 fragmentos cerâmicos que, ao contrário das coleções anteriormente descritas, apresentam características extremamente heterogêneas: de um lado, temos fragmentos claramente relaci-

onáveis à tradição Uru; já outros apresentam atributos da tradição Una. Ambas as indústrias foram descritas anteriormente.

Por fim, temos fragmentos relacionáveis a uma tradição ainda não identificada na área, denominada Tupiguarani. Tratam-se de vasilhas com antiplástico caco moído, contorno complexo indicado pela presença de ombros, além de diferentes tipos de decoração plástica: corrugado, corrugado espatulado, entalhado e roletado (Figura 8). Foi coletado ainda no sítio um fuso, que também apresenta caco moído enquanto elemento antiplástico.

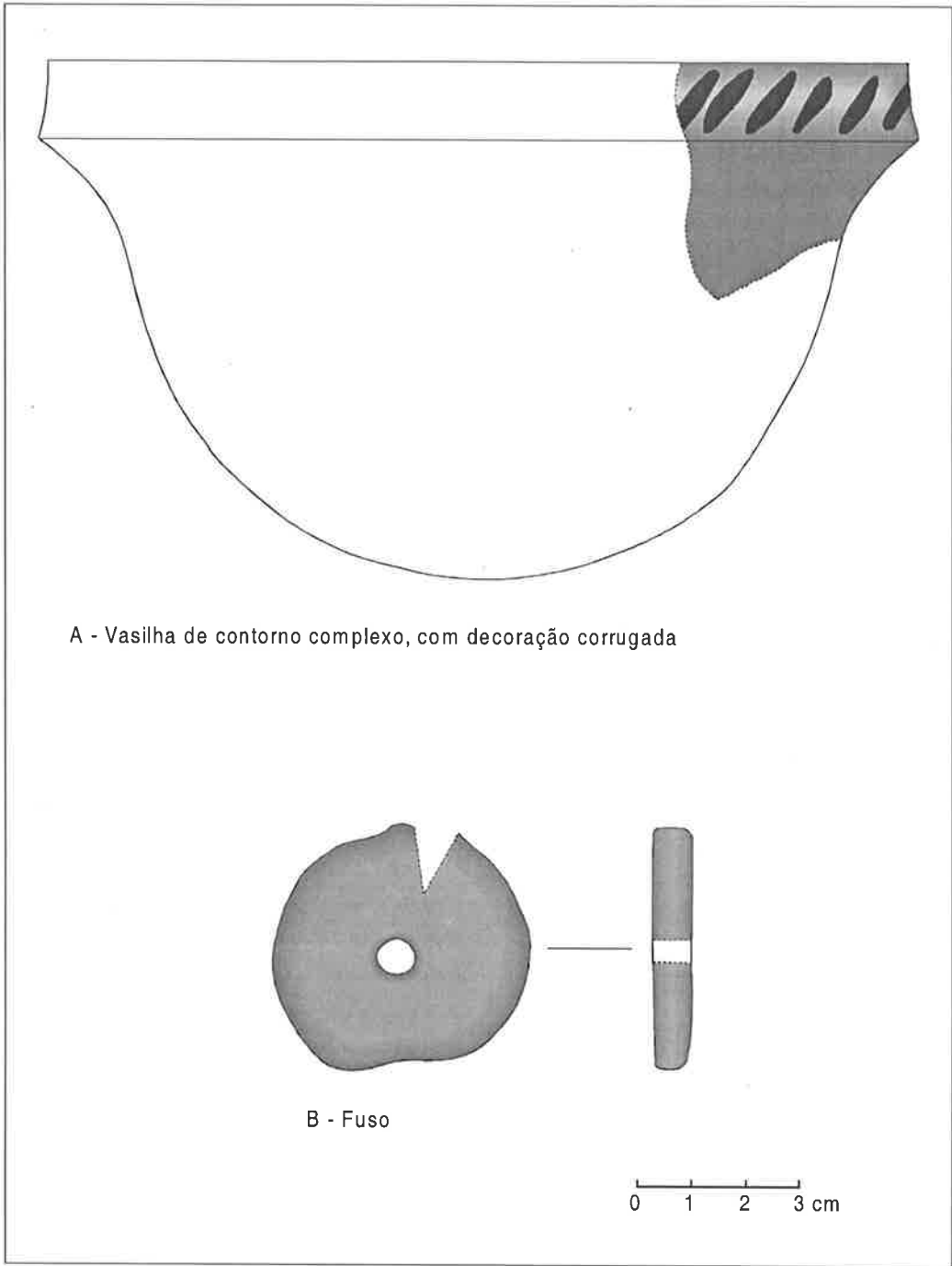
A presença, no sítio Canuto, de um material cerâmico tão diversificado, sugere que o local tenha sido ocupado por diferentes grupos humanos que se desenvolveram na área, ao longo do tempo. Ainda não foram realizadas sondagens no sítio, que talvez forneçam uma primeira estratigrafia das ocupações. Por outro lado, as paredes do abrigo apresentam grande quantidade de pinturas rupestres, em estilos notadamente distintos, igualmente sugerindo diversificação.

5.5 A INDÚSTRIA LÍTICA DOS SÍTIOS CERÂMICOS

Uma vez que o material lítico lascado é geralmente escasso nestes sítios, bem como apresenta traços tecno-morfológicas bastante semelhantes, foi neste estágio da pesquisa analisado como um todo, apresentando-se, abaixo, suas principais características.

A produção de utensílios lascados em sítios dos grupos ceramistas representa, na maior parte dos casos, uma atividade aparentemente casual, com uma tecnologia que pode ser considerada expedita. As matérias primas são diversificadas e o material bastante queimado, mas os retoques não exibem o delineamento elegante que caracteri-

Figura 8 – Artefatos Cerâmicos – Sítio Canuto.



za a manufatura dos artefatos presentes em sítios líticos, como as lesmas. São, em geral, retoques grandes (*encoebes*), formando raspadores volumosos com bordos bastante irregulares. Estão ausentes os artefatos bifaciais e, mesmo, os plano-convexos bem acabados, que caracterizam os sítios líticos.

A matéria prima provém de cascalheiras, mas é evidente uma menor preocupação com sua escolha, o que se reflete na qualidade heterogênea das rochas presentes nos sítios, com proporções consideráveis de quartzito e quartzo de sofrível aptidão ao lascamento.

Ainda assim, as consideráveis quantidades destes materiais líticos em contextos cerâmicos, bem como a relativa abundância de vestígios de retocagem, apontam para a regularidade deste tipo de atividade que, se não assume a importância que certamente tem nos sítios líticos, possui sem dúvida alguma relevância na economia das sociedades ceramistas, e seu estudo não deve ser desconsiderado, como muitas vezes ocorre. Estes vestígios assumem importância capital na investigação da organização do espaço interno das aldeias, assim como na investigação das áreas de atividade nelas presentes.

6. SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE

Durante as pesquisas de campo foram cadastrados na região 9 sítios, cuja arte rupestre pode ser dividida em:

- Gravuras dispostas sobre afloramentos rochosos dispersos no leito do rio Tocantins, nas proximidades do eixo da barragem e da foz do ribeirão Lajeado;
- Pinturas presentes em inúmeros abrigos e paredões situados nas porções mais elevadas das serras que circundam a região.

Considerando a emergência de serem realizadas pesquisas nas porções que seriam diretamente afetadas pela construção do eixo da barragem, foram sistematicamente trabalhados, neste momento, os sítios com gravuras nas margens do Tocantins. Suas principais características são fornecidas a seguir, incluindo o desenho do total de variações que as gravuras apresentam. Já os sítios com pinturas no alto da serra foram brevemente visitados, e o artigo traz apenas um resumo da variedade de manifestações presentes em três deles (sítios Serra do Carmo 1 e 3 e Canuto).

6.1. SÍTIOS COM GRAVURA

Nas proximidades da foz do ribeirão do Lajeado, junto à pequena vila do Lajeado e um pouco à montante dela, o rio Tocantins atravessa um trecho razoavelmente extenso de afloramentos rochosos, formando corredeiras e ilhas de tamanho variável, enfim, um trecho onde uma grande quantidade de blocos e matações encontram-se dispersos pelas margens e pelo leito do rio. Nesta área uma série de gravuras rupestres podem ser encontradas, espalhadas por todo o trecho, figuras isoladas ou pequenos conjuntos dispostos sobre um rochedo. Estas gravuras são bem conhecidas da população local, e também já haviam sido reportadas por Marcos A. Zimmermann (com. pessoal), arqueólogo da Universidade de Tocantins (UNITINS).

Foram até o momento cadastradas no total 6 destas ocorrências (Mapa 3). Apesar de terem sido consideradas sítios diferentes para fins de cadastro (Lajeado 4, 39, 41, 42, 43 e 45), serão aqui descritas em conjunto, uma vez que guardam bastante semelhança temática e estrutural. Em nenhum caso foram observadas superposições.

As gravuras foram feitas por picoteamento da rocha suporte, e trazem motivos geométricos quase sempre bastante simples. Em Lajeado 4 aparecem dois conjuntos de círculos concêntricos, com uma “lua quarto crescente” logo abaixo, sobre um matacão de arenito (Figura 9 A). Lajeado 39 consiste de um grande bloco de granito com dois painéis de gravuras geométricas picoteadas, situado na margem esquerda do Tocantins, em frente à desembocadura do ribeirão do Lajeado. No painel 1 os motivos são formados por dois conjuntos de círculos com ramificações lineares para cima e para baixo (Figura 9 B). No painel 2 observa-se três conjuntos de círculos concêntricos (Figura 9 C).

Lajeado 41 está situado em uma ilha junto à margem esquerda do rio Tocantins, constituída por um afloramento de rocha granitóide junto ao qual encontram-se blocos de arenito, um dos quais foi utilizado para produzir as gravuras por picoteamento. São figuras geométricas circulares, formando 4 painéis dispostos em diferentes faces do matacão.

Em Lajeado 42, situado em uma ilha junto à margem esquerda do rio Tocantins, nas proximidades do eixo da barragem, encontram-se três painéis muito próximos, mas dispostos em blocos de arenito distintos, todos com motivos geométricos circulares, às vezes com ramificações radiais (Figura 10 A).

Lajeado 43, também em ilha, exhibe cinco painéis dispostos sobre blocos de arenito separados, situados no lado norte da ilha, em meio a um afloramento granítico. As gravuras, feitas por picoteamento, consistem em um círculo recortado por linhas retas e preenchido por pontos (Figura 10 B), e

círculos concêntricos nos demais painéis, isolados ou em dupla (Figura 10 C).

Por fim, em Lajeado 45, na margem direita do rio Tocantins, aparecem três painéis em blocos areníticos distintos, todos picoteados com motivos geométricos envolvendo círculos concêntricos e retas que partem do círculo maior em direção ao exterior, como um “sol” (Figura 10 D), e uma figura composta por círculos e retas no painel central.

6.2. OS SÍTIOS COM PINTURA

Os sítios com arte rupestre apresentam peculiaridades bastante distintas, passando assim a ser descritos individualmente.

Serra do Carmo 1

Consiste em um conjunto de sinalações rupestres dispostas sobre um paredão situado no trecho mais alcantilado da serra do Carmo. Serra do Carmo 1 se localiza em uma depressão do paredão, originada pela erosão diferencial da estrutura rochosa arenítica, formando um espaço abrigado de aproximadamente 20 metros de extensão por 3 metros em sua parte mais larga. Está voltado para a direção norte-sul, com face para oeste. As sinalações rupestres estão dispostas em quatro conjuntos, ou *painéis*, dispostos ao longo da parede de arenito claro e fino, exibindo veios avermelhados horizontais e sub-horizontais, a uma altura que varia entre 40 e 110 cm da superfície. Concentram-se sobretudo na porção centro-norte da área abrigada.

As inscrições presentes consistem em uma variedade de representações zoomórficas e antropomórficas pintadas, uma série de figuras geométricas também pintadas e ainda desenhos traçados, com a técnica de-

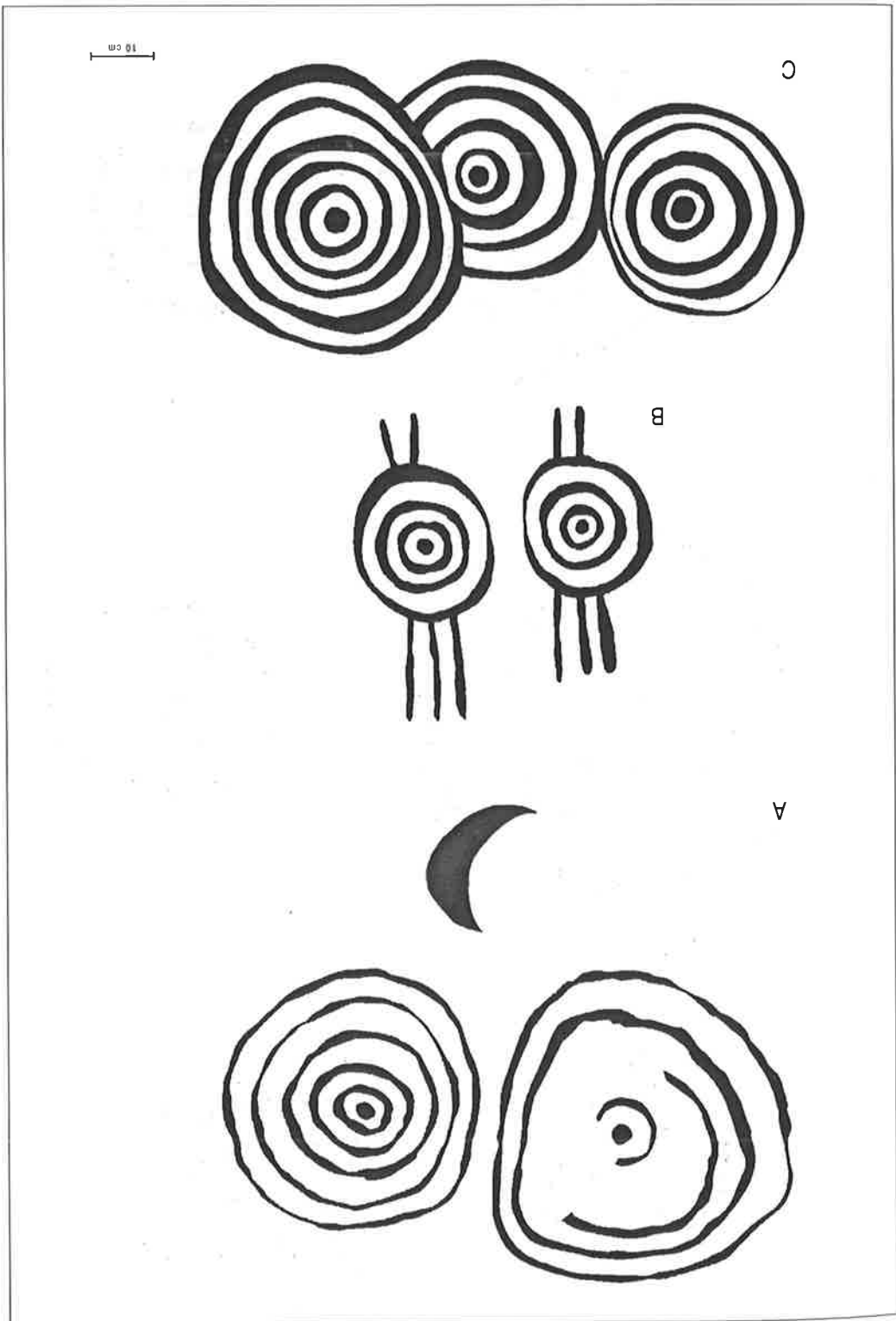
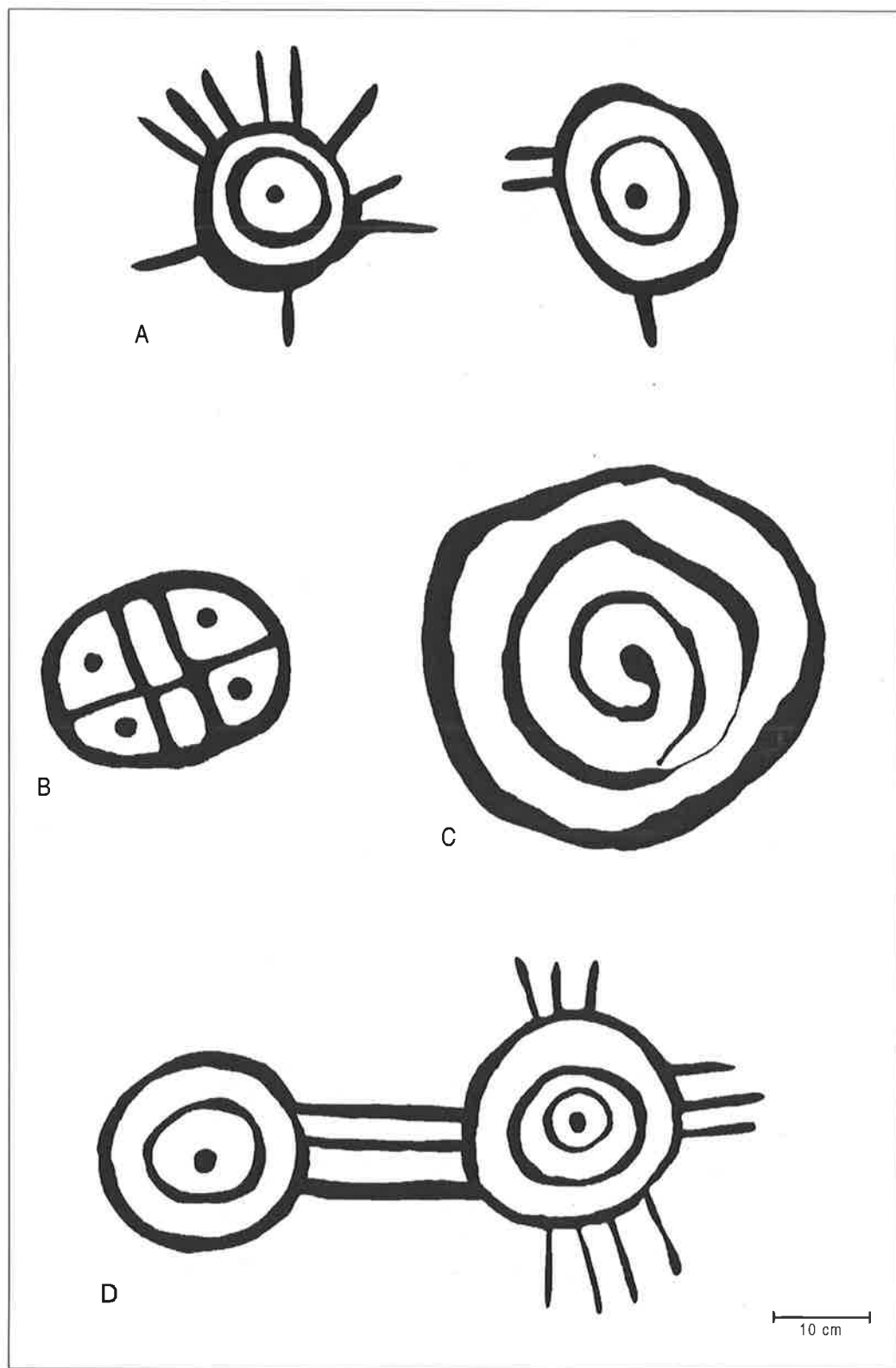


Figura 9 — Motivos de Gravuras Ruprestres na Região de Lajeado.

Figura 10 — Motivos de Gravuras Rupestres na Região de Lajeado.



signada como lápis ou *crayon*. A maioria das representações e figuras são pinturas cheias com predomínio do vermelho, mas também ocorrem o violeta, amarelo e preto. No lado norte há um pequeno painel com desenhos em *crayon*, seguido por figuras que evocam imagens da onça pintada. Outras imagens zoomórficas aparecem, como lagartos e veados, o que parece ser um peixe, e talvez também a anta ou capivara.

Entre as representações geométricas aparecem figuras triangulares em forma de X, às vezes formando um agrupamento, ou rede, círculos preenchidos por traços paralelos ou sequenciados, às vezes acompanhados por conjuntos de pontos. Aparecem também figuras pentiformes, sequências de pontos individualizadas, contíguas a sequências de triângulos ou círculos, assim como imagens circulares que parecem representar o sol. Digna de nota é uma representação em forma de X, ou cruz, pintada em amarelo e vermelho, complementada por um conjunto de seis pequenos círculos raiados regularmente dispostos em relação ao eixos da figura. As representações antropomórficas são relativamente poucas e não muito diversificadas, algumas apenas desenhadas e já um pouco apagadas, confundindo-se eventualmente com representações zoomorfas, mas é notável a única gravura presente no sítio.

É muito importante observar que, sobretudo na área central, há superposições triplas, o que reforça a idéia de diferentes estilos relacionando-se com diferentes períodos e culturas, que se sobrepõem no tempo. Quanto ao estado de conservação, o desmatamento expõe as pinturas às intempéries, observando-se nitidamente os efeitos da erosão e do descamamento da parede

de em vários pontos do sítio. Observa-se também a presença de estruturas tubulares que se ramificam por toda a parede, com maior ou menor intensidade, produzidas por uma espécie de formiga, ou cupim. Mesmo que se retire estas estruturas de sobre as pinturas, resta uma alteração química da superfície do suporte, comprometendo irremediavelmente a área afetada.

Serra do Carmo 3

Situado a pouca distância do sítio anterior, e no mesmo contexto dos paredões da serra do Carmo, este sítio rupestre também integra a bacia do ribeirão Todos os Santos, e encontra-se voltado para oeste, para a calha do rio Tocantins. Também como o anterior, forma uma área abrigada alongada e estreita, com uma superfície plana reduzida e de sedimentação rasa.

Muito mal conservado, este sítio parece estar desaparecendo, vítima do desmatamento e queimadas, que o deixam exposto ao sol intenso no período da tarde. O paredão encontra-se em franco processo de decomposição, tendo-se observado blocos desmoronados e fragmentos da parede pintada no chão, soltando-se do suporte. Também foi possível observar que várias figuras estão desbotando e desaparecendo gradualmente, provavelmente devido à percolação da água nas paredes do sítio durante as chuvas.

Este sítio é composto por dois painéis distintos, o primeiro com 7 e o outro (do lado sul) com aproximadamente 14 metros de comprimento, distanciados um do outro cerca de 11 metros, a uma altura do solo de aproximadamente 2 metros na parte central. O suporte consiste no mesmo arenito claro e fino do sítio anterior, com veios em tons um pouco mais claros de rosa e laranja.

Os painéis são compostos por pinturas onde predominam as grandes representações zoomorfas, observando-se também algumas sinalações geométricas e uma única representação antropomórfica. No painel 1 aparecem zoomorfos pequenos (cerca de 40 cm) e dois zoomorfos grandes (cerca de 100 cm) na parte inferior. Já na parte superior vê-se figuras geométricas, alvéolos, círculos, uma cruz e um zoomorfo em amarelo e vermelho.

No outro painel, o maior, observam-se grandes e magníficas representações zoomorfas, algumas em amarelo circundadas por uma linha vermelha, uma figura antropomorfa masculina ladeada por serpentes, também em amarelo e vermelho e, ainda, algumas figuras geométricas ovaladas.

Além dos grandes zoomorfos, que evocam de imediato as figuras da serra da Capivara em São Raimundo Nonato, no Piauí, merece destaque uma cruz (ou seria um antropomorfo?) pintada em vermelho apoiada e circundada por uma estrutura circular, também elaborada em vermelho e amarelo, assim como uma figura que lembra um pequeno recipiente (caldeirão, ou cesta), sugerindo a representação de objetos de uso cotidiano. É também interessante observar como algumas composições fazem uso criativo das peculiaridades e irregularidades do suporte, como se observa no painel 1.

Por fim, cabe salientar que, apesar da proximidade e semelhança estrutural com o sítio anterior, do ponto de vista estilístico este sítio difere profundamente daquele, apontando claramente para diferentes horizontes de ocupação e influências culturais de diversas proveniências na pré-história do estado do Tocantins.

Canuto

Embora geomorfologicamente semelhante aos abrigos anteriores, este sítio situa-se na pequena serra do Canuto, uma elevação isolada remanescente do corpo principal da serra do Lajeado, mais ao norte. Dista cerca de 600 metros do ribeirão do Lajeado, para onde se dirige o filete de água que flui de uma pequena gruta que se encontra nas imediações do sítio. A visibilidade a partir do abrigo é excelente para oeste-sudoeste, alcançando toda a planície do Tocantins e do ribeirão do Lajeado, incluindo a vila situada na confluência de ambos.

Além das representações rupestres presentes na parede do abrigo, encontram-se também vestígios líticos e cerâmicos dispersos à superfície na área plana e sedimentar que se estende de dentro do abrigo até cerca de sete metros para fora dele, quando se inicia a queda do talude (ver a descrição deste material nas páginas anteriores). O solo do abrigo encontra-se muito bem preservado, o que lhe confere um grande potencial para escavações.

As manifestações rupestres também encontram-se razoavelmente conservadas, com exceção do painel 4 que, mais exposto ao sol da tarde, já foi bastante esmaecido. É possível observar descamamentos, queda de blocos e erosão por ação de águas percoladas, assim como figuras bastante desgastadas pela ação de escorrimento de água na parede.

Foram registrados neste sítio 6 painéis distintos, distribuídos por toda a área abrigada, com uma extensão total de cerca de 36 metros e uma altura do solo entre 1 e 2 metros. O suporte é basicamente o mesmo arenito claro registrado nos demais sítios rupestres que, por ser bastante friável, acaba propiciando a formação de áreas abrigadas.

No painel 1 predominam pinturas vermelhas cheias, zoomorfas. Já no painel 2 ocorrem figuras geométricas circulares e manchas pintadas em vermelho, algumas bastante apagadas, dispostas sobre três faces de um grande bloco caído sobre a superfície do abrigo. No painel 3, que tem cerca de 5 por 3 metros, ocorrem pinturas vermelhas com motivos antropomorfos, zoomorfos e figuras geométricas como pontos, retas e curvas, semi-círculos e tridátulos.

O painel 4 consiste em uma extensa parede (cerca de 19 metros) onde se distribuem pinturas vermelhas com motivos zoomorfos, antropomorfos e geométricos, estes bastante diversificados. O painel apresenta ainda pontos, tridátulos e círculos e ainda “setas” e “semifusas”, entre traços curvos e outras representações.

O painel 5 é composto exclusivamente de figuras geométricas pintadas, tridátulos voltados para cima e para baixo (em vermelho e violeta), distribuídas em uma área de aproximadamente 1,20 por 2,00 m.

Por fim, no painel 6, zoomorfos e linhas retas e curvas se distribuem por uma área de cerca de 4,5 por 1,5 m. O destaque aqui é a presença de três figuras geométricas pintadas em amarelo.

7. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A OCUPAÇÃO PRÉ-COLONIAL DA ÁREA

Cabe observar que os problemas aqui discutidos devem ser encarados ainda de maneira preliminar e exploratória, devido ao fato de que as pesquisas estão apenas no início, as datações ainda são escassas, e mesmo o fato de a análise dos materiais ainda se encontrar em andamento.

7.1. POPULAÇÕES DE CAÇADORES-COLETORES

Como se viu, a região do Lajeado produziu grande quantidade de sítios líticos. Este tipo de vestígio arqueológico é geralmente relacionado a populações que viviam da caça e da coleta, em um momento anterior à plena domesticação de espécies vegetais, ou pelo menos anterior à sua utilização enquanto base da subsistência.

Embora prospecções sistemáticas tenham sido até o momento realizadas apenas na área impactada pelo eixo da Barragem, os dados disponíveis são suficientes para perceber que a região do eixo do Lajeado constitui uma área de adensamento de oficinas líticas, concentrando uma quantidade extraordinária de vestígios por quilômetro quadrado sendo, de fato, muitas vezes difícil definir onde acaba um sítio e onde começa o outro.

As características distributivas dos materiais líticos, configurando grandes adensamentos geralmente superficiais, indicam que se tratam de áreas funcionalmente diversificadas, criando inúmeras superposições em um mesmo espaço de ocupação, com ligeiros deslocamentos. Por outro lado, as datações até agora obtidas (550 e 1530 anos atrás), distanciadas cerca de 1.000 anos entre si, mostram que as superposições não se dão apenas no espaço, mas também no tempo, gerando um palimpsesto complexo e ainda difícil de decifrar. Para tal, será necessário um minucioso controle espacial e temporal, balizado por um rigoroso estudo das características tecno-tipológicas da indústria lítica que, de resto, parece bastante homogênea por toda a área de pesquisa, descontando-se as evidentes diferenças funcionais entre os sítios ditos ribeirinhos, em relação àqueles situados sobre os terraços mais altos do rio Tocantins.

Não há dúvidas de que a abundância de matéria prima de boa qualidade (principalmente arenito silicificado), de fácil disponibilidade na forma de cascalheiras, é um fator central para o adensamento dos sítios de grupos lascadores. De fato, o instrumental lítico parece desempenhar um papel essencial na economia das populações ligadas às atividades de caça e, talvez principalmente, coleta. A análise preliminar das coleções recolhidas em campo mostra uma predominância de raspadores entre os implementos, sobretudo as lesmas, tão familiares aos arqueólogos que trabalham no Planalto Central.

Apesar de estudos de detalhe estarem ainda em andamento, parece certo que a tecnologia dos produtores das lesmas é a mesma das raras peças bifaciais encontradas, o que significa que estes populares “fósseis-guia” não constituem tradições tecnológicas diferenciadas e, portanto, não definem diferentes populações. De fato, a tecnologia presente nos sítios da área exibe muito mais elementos de similaridade do que diferenças que possam ser observadas de imediato e, considerando as datas recentes obtidas para dois deles, a questão das relações desta indústria com a famosa Tradição Itaparica (Schmitz 1987) torna-se problemática. Parece ter havido um significativo adensamento de populações caçadoras nesta área em período recente, talvez até mesmo relacionada com a sedentarização e as primeiras manifestações cerâmicas (Prous 1992; ver Kipnis 1998 para uma análise crítica dos modelos correntes para caçadores-coletores no planalto central brasileiro).

Concluindo, é ainda necessário investigar a presença de possíveis vestígios associados a períodos mais antigos de ocupação da área. Tais vestígios podem estar mascara-

dos pelos mais recentes nas áreas de superposição espacial e, sendo em menor quantidade (e a mesma tecnologia básica), diluídos no volume de vestígios que os recobrem. Por outro lado, os levantamentos fora da ADA mostram que os abrigos nas serras são inúmeros, e ali, muito provavelmente, vai-se encontrar elementos para uma estratigrafia cultural em âmbito regional, que será útil para balisar os sítios a céu aberto.

7.2. OCUPAÇÕES CERAMISTAS

Os sítios cerâmicos até o momento identificados sugerem relações com ao menos 4 indústrias regionais distintas: Una, Aratu, Uru e Tupiguarani. Sítios relacionados a estas tradições estão presentes por grande parte do Brasil Central, do Nordeste e em parte da região Sudeste (especialmente Minas Gerais). Por outro lado, ao menos as tradições Uru e Aratu ainda não foram identificadas mais ao norte, na floresta amazônica. A partir daí, é possível sugerir que as ocupações ceramistas que se desenvolveram no médio Tocantins guardam relações mais estreitas com a região Centro-Oeste e Nordeste brasileiras, do que com a região amazônica. Isto traz uma série de implicações.

Diferentes estudos desenvolvidos no Brasil Central (Wust 1983; Robrahn-González 1996) discutiram o problema da origem e formas de desenvolvimento de grupos ceramistas do centro-oeste e sudeste brasileiro. A partir do século VII, e mais intensamente o século IX, inicia-se uma densa e diversificada ocupação destas áreas por grupos que já possuem uma indústria cerâmica bastante bem desenvolvida, habitam grandes aldeias com estruturas complexas e parecem reunir um número

considerável de habitantes (estimativas apontam um número em torno de 3.000 pessoas para uma aldeia Aratu de Goiás – Wust 1983). Nenhuma evidência mais consistente foi ainda apresentada, que sugeresse o desenvolvimento destes grupos a partir de processos locais de mudança cultural, ou seja, de que estes grandes grupos ceramistas teriam surgido a partir de fenômenos locais de desenvolvimento cultural, envolvendo grupos já anteriormente estabelecidos no Brasil Central.

Ao contrário, as evidências parecem indicar que a presença destes grupos na região estaria relacionada a processos migratórios (Robrahn-González 1996). Ao menos para os grupos relacionados à tradição Uru, sugeriu-se uma possível origem vinda da região andina, talvez tendo como ancestrais grupos Aruwak (Heckenberger 1996). Já Robrahn-González (1996) havia apontado a possibilidade de termos uma origem também voltada à região amazônica, a partir do vale do Guaporé (Rondônia e norte do Mato Grosso), atravessando os contrafortes do Tapajós e alcançando o Tocantins, a partir do qual teriam descido para Goiás e alcançado o nordeste-sudeste brasileiro. Quanto aos grupos portadores da cerâmica Aratu, talvez tenham uma origem mais relacionada à região sudeste brasileira, alcançando até o norte de São Paulo (Robrahn-González, *op. cit.*).

Dentro desta discussão, a presença no médio Tocantins de sítios relacionados à tradição Uru e à tradição Aratu abre interessantes caminhos de pesquisa, cujos resultados certamente extrapolarão o interesse local, e deverão contribuir para a análise de fenômenos culturais mais amplos, extra-regionais.

A identificação de sítios com cerâmica Uru na área aponta possibilidades de uma maior relação com a amazônia. Isto implicaria, entretanto, também em uma maior antiguidade destes sítios em relação aos do baixo Tocantins, demandando a obtenção de datas absolutas, ainda não disponíveis. De qualquer forma, a simples presença de sítios com cerâmica Uru em área assim tão setentrional abre novas oportunidades de análise.

Quanto à presença, no médio Tocantins, de grupos portadores de cerâmica Aratu, devemos lembrar que, até o momento, eram conhecidos sítios localizados ou na região centro-oeste, ou no nordeste. Sítios no Tocantins se tornam um eixo de ligação entre eles, criando, de fato, um amplo território de ocupação.

Os problemas acima levantados certamente incitam interessantes discussões, e constituem questões que serão desenvolvidas durante a continuidade das pesquisas na região. Todavia, a maior peculiaridade que visualizamos para os sítios cerâmicos do médio Tocantins diz respeito ao seu estado de conservação. As regiões centro-oeste, nordeste e sudeste brasileiras encontram-se atualmente bastante ocupadas, e o uso e modificação do solo é intenso, quer sob a forma de empreendimentos urbanos ou viários, quer sob a forma de pastagens ou campos agrícolas. Em contraste, esta porção do Tocantins resguarda ainda grandes extensões de áreas pouco ou nada alteradas. Tais condições fornecem boas oportunidades para o desenvolvimento de análises intra-sítio, que permitam estudar em detalhe a dinâmica dos processos culturais (o que se costuma designar como *household archaeology*). Isto exigirá, sem dúvida, o desenvolvimento de estratégias metodológi-

cas distintas e específicas, para que os dados arqueológicos possam não apenas revelar aspectos descritivos, mas sim interpretativos, capazes de contribuir para a construção de modelos.

Devemos, por fim, mencionar o enorme campo de estudo que se abre com a pesquisa em sítios etnohistóricos (antigas aldeias de grupos ainda hoje habitantes da região), permitindo discutir aspectos como continuidade cultural, mudanças na cultura material, entre outros. Esta será uma via importante de estudo no caso das ocupações ceramistas, uma vez que já foi possível identificar ao menos 2 aldeias no área de influência, que trazem relações históricas e etnográficas.

7.3. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DA ARTE RUPESTRE DA REGIÃO DO LAJEADO

Uma observação marcante em relação à arte rupestre da região do Lajeado diz respeito à sua diversidade, atestada pela grande variedade de motivos, técnicas e estilos na produção das representações. Além disso, foi possível observar nos sítios diversas superposições que, associadas às análises estilísticas, certamente possibilitarão a elaboração de uma “estratigrafia rupestre” em âmbito regional, ou seja, definir quais estilos são mais antigos, quais os mais recentes (Prous, Lanna & Paula 1980).

Como foi dito, os três sítios rupestres em abrigo visitados foram sondados, e em todos observou-se a presença de vestígios de ocupação no solo, inclusive de diferentes naturezas. Na medida em que for possível relacionar as manifestações parietais com as evidências materiais encontradas no terreno, será possível relacionar esta “estratigrafia parietal” com os horizontes de ocupação pré-colonial da região.

A grande diversidade estilística observada, inclusive em sítios geograficamente próximos como Serra do Carmo 1 e 3, remete não apenas a diferentes populações que ocuparam a área ao longo do Holoceno, mas também aponta para diferentes influências culturais que foram sendo aportadas na região no decorrer dos últimos milênios. De fato, aqui coexistem motivos e estilos que remetem a diferentes tradições rupestres do Brasil, reforçando a hipótese de que a região teria sido palco de grande interação cultural com outras regiões antes da chegada dos europeus.

Talvez seja interessante começar pelo Piauí. As grandes figuras zoomorfas pintadas, que aparecem especialmente em Serra do Carmo 3, são por demais semelhantes às figuras registradas na serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (Guidon 1975, Pessis & Guidon 1992), zona do agreste que não está distante do médio curso do rio Tocantins. A semelhança se dá sobretudo na composição, que envolve o delineamento da figura com uma cor mais forte, e seu preenchimento com outra mais suave.

Os motivos geométricos presentes na região do Lajeado são recorrentes por todo o planalto central, e diferentes figuras aparecem desde o nordeste do Mato Grosso do Sul (Beber 1993, Veroneze 1993), as escarpas ocidentais do planalto central em Rondonópolis, Mato Grosso (Vilhena-Vialou & Vialou 1989), na região do baixo Tocantins (Pereira 1993) e em outras áreas. Gravuras em lajedos junto ao rio ocorrem em diversas regiões, mas desenhos análogos foram reportados na Serra Geral, entre Goiás e Bahia (Schmitz et alli 1996).

Por outro lado, é inevitável lembrar de Serranópolis, no sul de Goiás (Schmitz et alli

1997 a e b) ao observar os lagartos e figuras cheias de animais que se encontram no abrigo Serra do Carmo 1 e 3, enquanto que as ampolhetas e figuras triangulares remetem tanto ao oeste da Bahia (Schmitz et alli 1984) quanto à Chapada dos Guimarães, no coração do Mato Grosso (Perié 1984).

No entanto, apesar deste grande “ecletismo” da arte rupestre do Lajeado, talvez seja com a região do centro e do norte mineiro que as semelhanças sejam maiores, especialmente se buscamos perceber os grafismos em seu conjunto. De fato, certas sequências geométricas, assim como as representações cruciformes preenchidas, remetem diretamente às tradições já bastante documentadas naquela área (Prous 1983, Leite 1990).

Enfim, correlações desta natureza podem ser feitas quase que ininterruptamente. Se, por um lado, elas ainda necessitam de um corpo de dados e de análises mais completas e sistemáticas, por outro lado reforçam a hipótese de que a região do médio Tocantins consiste em uma área para onde confluíram populações e referências culturais de diferentes proveniências, formando uma complexa interação que a arqueologia está apenas começando a destrinchar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NORBERT, A., 1987. *Le relevé des oeuvres pariétales paléolithiques: enregistrement et traitement des données*. Documents d'archéologie française, Paris, Maison des Sciences de l'Homme.
- BARBOSA, A.S., SCHMITZ P. I., STOBAUS, A. & MIRANDA, A. F., 1982. *Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO.* Fase cerâmica Pindorama. *Pesquisas (Antropologia)* 34:49-92, Inst. Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.
- BEBER, M. V., 1994. *Arte rupestre do nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, PUC-RS.
- COLOMBEL, P., 1977. *Método de decalque em arte rupestre aplicado no estudo de sítios da região de Lagoa Santa*. Revista do Museu Paulista 24:175-197. S. Paulo, USP.
- DE BLASIS, P., 1987. *Avaliação do Potencial Arqueológico de uma área do médio rio Tocantins (TO), onde deverá ser instalada a futura capital do Estado*. Relatório Interno. THEMAG Engenharia e Gerenciamento Ltda.
- , 1996. *Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico a ser impactado pela construção da UHE Lajeado, Estado do Tocantins, e proposta de um Programa de Mitigação*. Relatório Interno, THEMAG Engenharia e Gerenciamento Ltda.
- , 1997. *Programa de resgate arqueológico para a área de implantação do eixo da barragem da UHE Lajeado e seu entorno*. Documento interno. INVESTCO S/A.
- MARTIN, G., 1996. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Ed. Univ. da UFPE, Recife.
- MARTINS, D. C. (coord.), 1998. Relatório conclusivo do PA-SALV-SM. Goiânia, UFG/MA.
- GIRELLI, M., 1998. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado, São Leopoldo, UNISINOS.
- GUIDON, N., 1975. *Les peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil*. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud 3, Paris, EHESS.

- KIPNIS, R., 1998. *Early hunter-gatherers in the Americas: perspectives from central Brazil*. *Antiquity* 72 (277):581-92.
- LEITE, N., 1990. *O estudo sistemático dos grafismos da gruta do Índio (Januária-MG) no contexto arqueológico regional*. Tese de Doutorado, S. Paulo, USP.
- PEREIRA, E., 1993. *Registros rupestres no Pará: a contribuição de cronistas, viajantes e naturalistas*. *Clio* 1(9):21-44, Recife, UFPE.
- PESSIS, A. & GUIDON, N., 1992. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: Vidal, Lux (org.) *Grafismo indígena*, pp. 19-33. S. Paulo, EDUSP/Nobel.
- PERIÉ, J., 1984. *Influence des paysages sur les populations paléo-indiennes du Mato Grosso au Brésil*. Thèse de Doctorat, Paris, EPHE.
- PROUS, A., 1983. *Ciência Hoje* 2(7):10-17, S. Paulo, SBPC.
- , 1991. *Alimentação e "arte" rupestre: nota sobre alguns grafismos pré-históricos brasileiros*. *Revista de Arqueologia* 6:1-15, S. Paulo, SAB.
- , 1992. *Arqueologia brasileira*. Brasília, Ed. UnB.
- PROUS, A., LANA, A. L & DE PAULA F. L., 1980. *Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais*. *Pesquisas (Antropologia)* 31:121-146, São Leopoldo, IAP.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E., 1996. *Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileira*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6:83-121, São Paulo
- SCHMITZ, P. I., 1997. *Serranópolis II: as pinturas e gravuras dos abrigos*. publicações Avulsas 11, São Leopoldo, IAP.
- SCHMITZ, P. I. (org.), 1996. *Arqueologia nos cerrados do Brasil central: sudoeste da Bahia e leste de Goiás*. O projeto Serra Geral. *Pesquisas (Antropologia)* 52, S. Leopoldo, IAP.
- SCHMITZ, P. I., BARBOSA, A. S., RIBEIRO, M. B. & VERARDI, I., 1984. *Arte rupestre no centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. São Leopoldo, IAP.
- SCHMITZ, P. I., BARBOSA, M. O. & RIBEIRO, M. B., 1997. *As pinturas do Projeto Serra Geral, sudoeste da Bahia*. Publicações Avulsas 12, São Leopoldo, IAP.
- VERONEZE, E., 1993. *A ocupação do planalto central brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de mestrado, São Leopoldo, UNISINOS.
- VILHENA-VIALOU, Á. & VIALOU, D., 1989. *Art rupestre dans des abris-habitats préhistoriques du Mato Grosso, Brésil*. *Ars Praehistorica VII/VIII:347-356*. Barcelona, Ed. Auja.
- WÜST, I., 1990. *Continuidade e Mudança — para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- WÜST, I. & CARVALHO, H. B., 1996. *Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: a análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás*. *Ver. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, 6: 47-81.